



le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A ESTATUA AMASONICA

COMEDIA ARCHEOLOGICA

DEDICADA

AO ILLM. SR. MANOEL FERREIRA LAGOS

VICE-PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRASIL,
E DIRECTOR DA SESSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA BRASILIANA

Manoel de Araujo Porto-Alegre

EM 1848.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO DE PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N.º 64.

1851.

AMIGO E SENHOR.

A leviandade da maior parte dos viajantes francezes e a superficialidade com que encaram as cousas que encontram na nossa patria, unidas a um desejo insaciavel de levar ao seu paiz novidades, tem sido a causa desses grandes depositos de mentiras que se acham espalhados por muitos livros daquelle povo, que ás mais das vezes sacrificam a verdade ás facecias do espirito, e o retrato fiel dos usos e costumes de uma nação ao quadro phantastico de sua imaginação ardente, auxiliada frequentemente pela falta de conhecimentos da lingua, e pela crença de que tudo o que não é França está na ultima escala da humanidade.

O Senhor Conde de Castelnau, passando pelo Rio Negro, de volta da sua viagem politico-cientifica, como o disse a ILLUSTRACÃO, achou ali uma pedra lavrada ao pé do cunhal de uma casa, e logo vio nella alguma cousa além do ordinario ; e procurou havel-a e envia-la para a França.

Baptisou-se, com a agoa do Sena, o tosco artefacto, e passou a ser uma Estatua do tempo das Amasonas Brasilianas, que como tal figurou na exposiçáo dos objectos por elle levados á França e collocados aos olhos do publico no Laranjal das Tuilleries

O Brasil tem tido a gloria de ser visitado por viajantes francezes dignos de todo o respeito e veneração, como sejam os Senhores Auguste de Saint-Hillaire, Ferdinand Denis e De Bret, que estão longe da classe dos Jacquemonts, Arsennes, Aragos, Suzanets, e outros muitos miseraveis mentirosos, que — *visant à l'effet* — escrevem o que não viram e degeneram o que viram. Aos primeiros é do nosso dever tributar veneração, respeito e gratidão ; mas aos segundos desprezo, e só desprezo.

Se a viagem do Senhor Castelnau está cheia de tantas novidades como as que vimos nos jornaes de Paris, o nobre Conde pode limpar a mão á parede, como se usa na sua terra, e procurar outro officio fóra das raias de geographo e antiquario.

Aos antiquarios da sua especie, e a esses fabricantes de livros, verdadeiros ciganos litterarios, de que superabunda a capital da França, é recommendada esta comedia, que offereço a V. S. por muitos titulos, além de um constante e provado patriotismo.

É um folguedo litterario, como outros que tenho, nascido nas horas de repouso de occupações graves e serios estudos : perdoe-me a offerta.

INTERLOCUTORES.

CONDE SARCOPHAGIN DE SAINT CRYPTÉ.	BARÃO DE COLOMBAIRE.
CONDEÇA MELANIA, sua esposa.	DOUTOR FOSSIL.
SACUNTALA, sua filha.	VISCONDE BIBLETIN DE L'ARAT.
DOUTOR HYPOGET.	DOUTOR GAMIN.
MARQUEZ BARATRE DE SAINT PILON.	DOUTOR STOK-FISCH.



A scena passa-se em Paris no anno de 1842, em casa do Conde Sarcophagin de Saint Crypte,
na rua do Badeaux.

A ESTATUA AMASONICA.



ACTO I.

O scenario representa a bibliotheca e gabinete de um rico antiquario: paredes cobertas de medalhões e baixos-relevos em bronze, marmore e gesso; lapidas, cypos, stelas e inscripções cobrindo o rodapé da sala; multidão de vasos e estatuetas, livros gothicos; e debaixo de um candieiro da idade media, pendurado no tecto, avulta uma copia em gesso da Estatua Amasonica sobre um pedestal de jacarandá. Pela porta de entrada do gabinete se vêem na sala contigua muitos quadros antigos e moveis de todas as idades.

SCENA I.

O CONDE SARCOPHAGIN E A CONDEÇA.

CONDE.

Aqui está ella! Para contemplal-a dia e noite com amor, para estudal-a com toda a severidade de um antiquario, seria necessario uma quasi eternidade: a noite do passado, a sepultura do tempo, envolve os mesmos mysterios que a aurora do futuro, que o berço do porvir. Aqui está ella, para rematar a minha gloria, para abrir-me o sanctuario do instituto, e para revolucionar as idéas deste seculo de vapor e galvanismo. A minha memoria sobre este portentoso artefacto vai revolver toda a Allemanha, quebrar mais de mil cachimbos archeologicos, e produzir na Inglaterra uma irritação antiquaria, encarecer a cerveja e o grogue, e pôr o cerebro britanico como uma caldeira de Watt.

CONDEÇA.

Ora diga-me, senhor Conde, quem é que se importa com uma porcaria desta ordem, que parece um macaco mal amanhado; pois isto tem forma de gente?

CONDE.

Humboldt, Niebbur, Raffn, e outros muitos hão de desesperar, e derramar lagrimas de sangue. Senhora, o compasso do homem de engenho abrange mais em a natureza do que as pontas de uma tesourinha de costura. Estes homens são os luminares do seculo.

CONDEÇA.

Pois esses homens tão superiores estão agora loucos?

BIBLIOTHECA GUANABARENSE.

CONDE.

Ah! Senhora, para que sempre essa linguagem? para que esse divorcio perpetuo nas idéas mais nobres, e essa muralha de ferro entre o amor e a sciencia, entre as artes e a belleza?

CONDEÇA.

Ora deixe-se dessas lamurias, que o senhor não precisa pedir esmola: já não somos namorados, e aqui não tem gente estranha. Isso não muda a minha opinião, que nasceu logo que este estafermo invadiu a casa. Senhor Conde, tenho raiva deste mono, como a cousa viva; e se já o não mandei botar fóra, é pelo respeito que lhe devo. Ha vinte dias que o senhor me não acompanha a parte alguma; e ha tres mezes que não vai ao theatro.

CONDE.

Paciencia, paciencia. Uma mulher indiscreta é peor que o gigante Orrillo do Ariosto, que não se póde mutilar: é como os dentes de Cadmo; é como as figueiras do novo mundo, que se entranham pelas muralhas e fazem os estragos que uma lingua como a sua acaba de fazer. Passei do Paraiso para a Gehenna: o meu coração é um vaso de amargura.

CONDEÇA.

Ora deixe-se de partes. As sciencias como a sua seccam o coração, e se parecem com as cousas mortas que estudam: um antiquario gostaria mais de ver sua mulher embalsamada, do que viva, risonha, dançando, brincando junto a seu lado. Contemple a sua bella deosa, e passe bem.

CONDE.

Fique, minha senhora, mas não brinque assim.

CONDEÇA.

Pois bem, ficarei, e quero ouvil-o.

CONDE.

Deixe-me repousar um pouco, que o repouso me vai esvaecer todas as imagens lugubres que ha pouco me cercaram.

Tira de uma arca antiga uma caixa de velludo, e desta uma lindissima tiorba, que pertencera a Diana de Poitiers; admira a cifra do real amante, os crecentes de prata marchetados, e senta-se ao pé da condeça. Afina o instrumento, e canta esta ballata com enthusiasmo guerreiro:

- « Não beija Lucina mimosa e fagueira
 « As negras ameias do altivo castello;
 « Nos plainos de Tours, reluz á fogueira
 « O brilho das armas de Carlos Martello.
- « Alveja na eça da regia Pyrenne
 « O niveo albernoz do mouro terrivel;
 « Nos plainos de Tours, corisca a bipenne
 « Do franco valente, leal, invencivel.
- « Com favos de sangue, qual mostra a roman,
 « A face enrubece formosa donzella
 « No alto da torre: nobre castellan,
 « A filha do amor, a virgem mais bella.
- « No céu já desponta o lume da aurora,
 « Da moura almenara as flammes embaça;
 « Já desce Almançor, encurta-se a hora
 « O chefe commanda, o franco se alça.
- « As bronzeas trombetas, as nuncias da morte
 « Os ares inundam de horrendo pavor;
 « No campo relincham, da ferrea cohorte,
 « Os feros ginetes com grande estridor.
- « Trovejam co'as patas aladas na terra;
 « A selva luzente no ar se balança;
 « E ao grito de avante, de morte e de guerra,
 « A massa de ferro, qual raio, se lança.
- « Desmaia a donzella de susto coberta;
 « Vacilla por tempo dos francos a gloria,
 « Que o mouro disputa; mais eis que desperta,
 « Accorda, sorriu-se ao brado: — Victoria.

CONDEÇA.

Assim é que deve ser um marido: este dia é que é um dia de bem casados.

CONDE.

A antiguidade não amortece o genio, vigora-o. (*Pára, olhando para a estatua, sorri-se, e fecha a tiórba*).

Uma estatua brasiliana, um monumento plastico, feito por homens que

até agora foram calumniados por todos os viajantes europeus, e até pelos jesuitas! Este facto é maior que o do Colombo, e do que todas as descobertas que se tem feito até hoje.

CONDEÇA.

Pois o que é que ha ahi de extraordinario?

CONDE.

Esta estatua revela um mundo inteiramente novo, um mundo civilisado que appareceu e desapareceu; um povo que viveu, floresceu, e morreu; uma civilisação que mysteriosamente se extinguiu, uma idéa que se realisou, brilhou e se eclipsou nas trevas do passado: esta estatua é a reliquia de um grande imperio; é um elo da cadêa interrompida do passado: é o fragmento da ossada de um gigante, abafado por um cataclisma, e sepultado pela mais remota barbaria. Por outra igual a esta, daria eu todos os diamantes e ouro do Brasil.

CONDEÇA.

E eu nem cinco soldos de cobre. Olhe, isto sem offensa, se eu estivesse pejada, não entrava aqui; e nem consentirei que alguma de minhas amigas o faça; porque não quero vêr seus fillinhos engarrafados, e nas prateleiras de algum museu,

CONDE.

Anaxagoras olhava para o sol como uma pedra, e Pithagoras como um Deus.

CONDEÇA.

E o senhor Conde olha para esta estatua como uma Venus, e eu como um mono muito ordinario.

SCENA II.

SACUNTALA, CONDE, CONDEÇA.

SACUNTALA.

Aqui está ella, aqui está ella! Que cousa original!... Como são felizes os sabios quando contemplam estas obras e lhe encontram bellezas extraordinarias, que eu infelizmente ainda não posso apreciar.

CONDEÇA.

Nem nunca chegarás a isso; só se comprares um par de oculos em Bicetre.

CONDE.

Anaxagoras, Anaxagoras!

CONDEÇA.

Pithagoras, Pithagoras †

SACUNTALA.

Tenho um favor que lhe pedir em premio da minha lição de hebraico.

CONDE.

Pede, meu anginho, pede, que sou teu paí.

SACUNTALA.

Queria assistir á conferencia dos sabios que se devem reunir hoje aqui, e vel-os a meu gosto.

CONDEÇA.

Pois tu os verás no jantar, onde se demorarão bastante,

SACUNTALA.

Eu não os quero ver comendo, porque são como os mais homens; quero vel-os no seu throno scientifico.

CONDE.

Isto ao mesmo tempo que faz morrer a gente de prazer, faz apetecer a vida para mais gozar. És bem a carne da minha carne, e a emanção do meu espirito.

CONDEÇA.

Já acabaste aquellas camisas para os pobres? já estudaste a tua lição de pianno?

SACUNTALA.

As camisas estão feitas; mas eu não quero mais tocar pianno: quero tocar harpa, e harpa sómente.

CONDEÇA.

Então porque, minha filha?

SACUNTALA.

Porque o Rabino, meu mestre, me vai agora ensinar os psalmos na lingua do rei propheta, e eu quero cantal-os em puro hebraico: o pianno é muito vulgar.

CONDE.

Bravo, bravissimo. (*Abraça e beija a filha*).

CONDEÇA.

Como serás interessante a psalmear n'uma sala: hão de te chamar a soca-defunctos; e tu que és pallida.

CONDE.

Meu Deus, que profanação.

SACUNTALA.

São gracejos de minha mãe; abusa do seu espirito.

CONDE.

Abusa tanto, que ainda ha pouco tonteou-me.

CONDEÇA.

Senhor Conde, eu quero uma filha para a sociedade em que vivemos: quero-a para ser uma boa esposa, uma boa mãe, e não uma preciosa ridicula, ou um *basbleu*. No instituto não entram mulheres. O senhor não parece o pai desta menina.

CONDE.

Mas ella parece filha deste pai; porque é a repercução de todas as minhas emoções n'um coração angelico.

CONDEÇA.

Não me bote a menina a perder com esses gabos; e não a faça gastar tempo a idolatrar esse bicho de gesso, ou a cantar musicas de sinagoga.

CONDE.

Ah! senhora, se vmce. soubesse o quanto me affligem esses gracejos, que não deixam, apezar de tudo, de ser uma profanação do sanctuario das artes. Se soubesse o que ha aqui de grande, de immensuravel, de incomprehensivel, e ao mesmo tempo de palpavel, não havia de mofar deste prodí-

gio; se os seus olhos vissem todas as maravilhas que ahi encontro, se elles penetrassem como os meus nesse mundo nebuloso e insaciavel a meus desejos; se podessem ler essas phrases mysteriosas na lapida do passado, de certo não estaria para brincos, nem disposta a gracejar.

Uma civilização antiquissima,—ausencia do ferro, acidos corrosivos substituindo o cinzel, e todo o Egypto, e toda a Asia aniquilando-se diante desta nova luz!.... Eu vejo frotas nos mares, vejo uma emigração no estreito de Béring, vejo essas tribus adustas espalhando-se por toda a America, afastarem-se do seu antigo berço, renascerem com uma nova theogonia, com novos sons, com novos usos, e formando uma nova especie;.... vejo Babylonia e o Japão disputando-se, e vejo o tartaro Mongol triumphando como o primogenito da perfectibilidade humana. Olhe para a forma do craneo dessa estatua, veja-lhe esses pomulos, e essas mandibulas, de perfil; estude esse angulo facial, essa positura; veja a expressão e o olhar desses olhos, e diga-me se não ha ahi uma grande revelação, e alguns pontos para por elles se traçar um magnifico circulo de idéas luminosas.

CONDEÇA.

Ora deixe-se de caçoadas; e não se persuada, por eu ser mulher, e ter a imaginação muito viva, de que possa crêr nas suas bellas visões: é mania de antiquario catar bellezas onde só ha senões.

CONDE.

Assim era um grego á vista do painel da famosa Helena, que elle achava de uma formosura trivial. Toma os meus olhos, lhe retorquiu um grande artista, que logo has de vêr uma deosa.

CONDEÇA.

Em grego será tudo o que quizer; mas em francez, e em muito bom francez, isto se chama um estafermo. As obras antigas tem alguma belleza, tem mesmo bellas formas, apezar que os taes narizes gregos nunca me cahiram em graça.

CONDE.

Fóra desse typo não ha formosura: ahi é que reside o bello eterno. Nesta estatua, senhora, ha um mundo revelador de outros mundos: é um mytho de nova especie, é um symbolo de idéas dosconhecidas! Esta aspereza representa o berço de uma civilização no seu estado informe, sem o acabado das épocas posteriores, e sem esse frio calculo dos povos corrompidos, atados ao jugo das regras, que tyrannisam a inspiração, e peam toda a sorte de novidade, todos os passos do progresso.

Esta entidade acanhada demonstra um povo que ainda se não desenvolveu; é a infancia nas faldas do berço; é a Minerva de Epheso tímida e como maniatada; é o Manipanço africano brandindo o ferro, symbolizando a barbaria.

Esta physionomia informe demonstra uma litteratura em embrião, e ainda incubada no heroismo das épocas ossianicas, das épocas heroicas e patriarchaes. Ha nesta estatua um diluculo, semelhante ao clarão da luzerna sepulchral n'um profundo hypogeo; ha o reflexo de um mundo que acabou; é um feto que pereceu nas entranhas maternas, e com ellas se sepultou. Esta estatua bronca e feia, a seus olhos e aos olhos do povo nada diz; porém aos olhos de um sabio é a revelação de um arcano do tempo, é um novo *fiat* que cria neste seculo um outro universo; é um facto que transtorna a historia do mundo; é o Amazonas, o deus gigante das aguas sobrepujando a todos os rios conhecidos; é a torrente do Missisipi escurecendo todas as cataractas do mundo, na precipitação do magestoso Niagara. Ah! se eu fosse poeta, fazia-lhe uma epopea.

CONDEÇA.

Eu ainda possuo lindissimos versos da sua penna.

CONDE.

Eram flores do amor, eram sorrisos da juventude, eram os queixumes de um amante, eram as lagrimas da saudade: eram flores de minha alma, eram os vagidos de um menino no centro de um jardim, e não o brado de um gigante; não ha nada de commum entre o bracelete de uma madeixa dourada, entre o ramalhete de um baile, e a harmonia de um órgão, com a sumptuosidade de um monumento.

Eu vos entregava uma flor orvalhada de uma lagrima, e isto vos bastava; mas para esta estatua são necessarios os jardins pensiles de Babylonia, o canto da estatua de Memnon, a tuba de Homero, ou a voz do Oceano.

CONDEÇA.

Tudo isso está muito bello e brilhante como ouropel; mas o peor é que vamos envelhecendo, e a sua mania de cacos velhos, e de extasis sublimes nos vão empobrecendo. Todos os autores se enriquecem com o producto das suas obras, sómente o Sr. Conde é quem gasta e não lucra: antes escrevesse algum romance, que havia de ser mais lido, e mais conhecido.

CONDE.

Nós somos as columnas, e os romancistas os ornatos. As letras são como

o alcorão, que tem sacerdotes que vivem na maceração e outros nos prazeres: todos vamos para o paraíso da gloria, mas cada um na sua jerarchia.

CONDEÇA.

É verdadeiramente macerar a bolsa o dar dous mil francos por uma cabelleira alcatroada, como estoutro dia fez vmce., só porque lhe disseram que havia pertencido a Berenice.

CONDE.

E no mesmo anno em que cortou os cabellos. Consultando o codice autographo de Callimaco, vejo que a côr ruiva dos cabellos dessa illustre prinzeza é igual á da cauda de um leão; e vi mais que Conon era um astronomico da raça d'Hiiparco e de Laplace.

SACUNTALA.

Tenho muita vontade de usar do penteado da esposa de Ptolomeo Evergeto: gosto tanto das modas antigas....

CONDEÇA.

Oh! que bella cousa: andar de tanga e pé no chão, ou com alparcatas de linho; manda ferrar a cara, como os antigos e os selvagens de hoje, pois que teu pai nos affirma que já assim andaram os nossos pais.

CONDE.

E acha vmce., que isso seria extraordinario? No seculo passado, aqui mesmo em Paris, não pintavam a cara as madamitas com arrebiques que passaram para o theatro, e não mosqueavam a pelle com verrugas de retroz?! não fallemos em modas, que tenho horror a ellas. Modas, as dos antigos; que respeitavam a natureza, e não se espremiavam entre barbatanas e cordões. (*Olhando para a estatua*). Não me posso fartar á vista desta Amasona genuina; não posso saciar-me de contemplar este mundo perdido, que se hia condensando, crescendo, brilhando, que já era uma realidade, e que desapareceu.

SCENA III.

CONDE, CONDEÇA, SACUNTALA, E UM CRIADO.

CRIADO.

Meu amo manda fazer-me os seus cumprimentos, saber da saude das senhoras, e entregar esta carta.

CONDE.

Então elle não vem?

CRIADO.

Não creio, meu Senhor Conde, porque o vejo muito occupado, e não dormimos toda a noite: levou a olhar para o céo com o seu oculo grande, aquelle muito grande, que custou muito dinheiro, e de vez em quando dava pulos, cantava, ficava como assustado, corria, olhava outra vez, e hia escrever umas cousas que se não entendem na sua pedra preta. Depois mandou buscar uma roda de fiar, grudou nella quatro papelinhos, e fez-me suar um quarto de hora a rodar a manivela; e gritava: *é isto, é isto, e o mundo o não sabia ha tantos seculos!*

CONDEÇA.

E tu não sabes o que é?

CRIADO.

Eu la sei o que meu amo achou na roda de fiar, e n'uns papelinhos brancos!

CONDE.

(*Abrindo e lendo a carta*). Aqui está: é uma descoberta astronomica da mais alta transcendencia. Teu amo é um homem extraordinario. Adeos. (*Vai-se o criado*).

SCENA IV.

CONDE.

O doutor Vranoff não póde vir hoje, e pelo que vejo o homem está meio não sei como!

SACUNTALA.

Pois que tem elle? É tão bella pessoa.

CONDE.

Escuta a sua carta: « Amigo e Senhor Conde.—Sinto immenso o ficar privado de tão illustre companhia. Para mim é uma perda de novos conhecimentos, mas para a sciencia astronomica creio que é uma vantagem. « Acabo de fazer uma descoberta immensa em astronomia: o anel de Sa-

« turno d'ora avante não é mais um enigma, e se acha emancipado do laby-
 « rintho das conjecturas. Conheço agora a causa das tres divisões, e tenho
 « em meu apoio todas as verdades da physica e da mechanica; as experien-
 « cias coroaram a obra, e só espero a primeira sessão do Instituto para
 « apresentar a minha estupenda descoberta. Como o meu amigo não é da
 « minha classe scientifica, e o conheço por um varão discreto, vou confiar-
 « lhe um segredo que d'aqui a seis dias, o mais tardar, será mais uma ver-
 « dade para o universo. Os aneis de Saturno não são mais que satelites de
 « uma nova especie, que rodam em torno do astro com grande velocidade,
 « e que a nossos olhos simulam uns circulos luminosos. Na minha memoria
 « menciono as suas funcções e influencia sobre a vida dos entes que habi-
 « tam aquelle immenso planeta, assim como ousou apontar o centro do uni-
 « verso; mas para completar esta ultima verdade ainda são precisos uns
 « dous mil annos de observações. Mil respeitos ás senhoras, e acceite os
 « protestos de amizade do seu muito do coração. — *Doutor Vranoff de*
 « *Lunawich.* »

CONDEÇA.

Este falla em cousas de tão longe, que póde dizer o que muito bem quizer, e muito mais quando são precisos dous mil annos ainda para verificar-se o que aponta.

CONDE.

Eu creio que está em vespervas de ficar maluco.

SACUNTALA.

E por que meu pai? Lembre-se de Gallileo, lembre-se do padre Gusmão, e da marmitta de Papin.

CONDEÇA.

Tenho receio que não digam a mesma cousa de vm. com a sua Venus amasonica.

CONDE.

Pois não teriam razão. Parou uma carruagem na nossa porta, será algum dos sabios?

CONDEÇA.

O criado está na ante-camara. Ora eu tinha tenção de os deixar, mas não

posso resistir á curiosidade de ouvir o que dirão estes senhores sobre este macaco de gesso.

SACUNTALA.

E eu lhe agradeço muito a resolução; porque assim não fico só. Quero hoje engolfar-me n'um oceano de erudição. Ah! a erudição é o thesouro maior que póde haver na terra: os eruditos são os homens mais felizes do mundo, porque tudo sabem: eu desejo saber tudo.

CONDE.

Has de saber alguma cousinha com o tempo. Her Apserremein, o grande e o primeiro synchronista do mundo, obteve um despacho para possuir uma copia desta estatua, e me encarregou de lh'a mandar: hade ir esta mesma, mas depois que eu acabar a minha obra: os Allemães já tem estradas de vapor, e escrevem com muita rapidez: a prioridade é sempre uma conquista. O senhor Stekentitz von Capangoff, de Vienna, está como uma brasa contra Metternick, que lhe não deu licença para vir á França: o grande politico tem medo da propaganda até pelas raizes da archeologia; pois não tem razão; porque o Sr. Capangoff é um turco do tempo de Selim. Para elle o soberano é a lei viva, e a sua vontade uma realidade consummada.

CONDEÇA.

Consolam-me muito estas noticias: já vejo que meu marido não é o unico adorador d'esta nova deosa.

CONDE.

E as cartas que aqui tenho do Duque de Raufflach, o maior antiquario da Prussia! e os pedidos de copias que me fazem o Principe Polifemoff, o mais poderoso senhor moscovita de todas as Russias; e as cartas de mel do Snr. Amuletini, do Dr. Herculano di Pompei, e de Lord Bool, e do secretario da Academia da Noruega?

CONDEÇA.

Bicetre não está só no caés Dorsais, nem o palacio Mazarini é o unico templo dos orates; tambem lá por longe tenho cunhados, tenho irmãos de meu marido.

CONDE.

Paciencia, minha senhora, paciencia; já agora havemos de morrer assim: é fructo da sua educação.

CONDEÇA.

E' talvez fructo da classe em que nasci? Não me dizia V. Ex. isso quando mirava ao meio milhão que lhe trouxe para gastar; nem quando em suas cartas me comparava a Psyches de Napoles que depois vi que era uma estatua quebrada: faltava-me o pergaminho velho, que serve para misturar tabaco?

CONDE.

Cabe-lhe tão mal este papel diante de nossa filha.

CONDEÇA.

Sacuntala sabe que é neta de um especieiro e dos muitos illustres Condes de Saint Crypte, cujos nomes não li na historia da França.

CONDE.

Mas se encontra o seu. O Abbade Suger teve um creado de nome Reglisse: será seu parente?

SACUNTALA.

Meu pai, o que é isso; pois um homem da sua elevação de espirito desce a tanto, um varão tres vezes nobre pelo seu character, pela sua sciencia e pela sua riqueza?

CONDE.

Grande Deos! ao menos tenho uma filha, e uma filha que me não desmente: bella e talentosa, discreta e applicada: já soletra o Sanskrito, balbucia o Caldaico, decifra os hieroglyphos do Luxor, como Champolion, e em breve cantará os psalmos com a harmonia vernacula. Um dia, e breve será, te farei ler as memorias de Hannibal em puro carthaginez, o peryplo de Hannon, e os Sagas de Odino, e as maravilhas de Confucio.

Tu serás a depositaria do meu ultimo suspiro, e a herdeira dos meus papyros e pergaminhos. Neste seculo de materialismo e de transacções, quero morrer como um sabio, e não como um homem ordinario. Escuta: tu recitarás nos meus ultimos momentos aquelle memoravel decimo acto do carro de barro, quando Tcharudata, entre os dous Tchandalas, caminha para o patibulo, tira o seu cordão de bramane e o entrega ao filho; e tu receberás das minhas pallidas mãos aquelles Elzevirs, e aquelle Herodoto, assim como a chave do meu cofre de antiguidades reaes. Quero morrer constricto, quero morrer illustrado: o meu corpo será depositado naquelle grande sar-

cophago de sicomoro, que já guardou o corpo sagrado do muito sabio e poderoso Rhamarés. Sanskritas devem ser as ultimas palavras que quero ouvir.

CONDEÇA.

Acho isso um tanto heretico, e improprio de um bom catholico.

CONDE.

Ah! Senhora. Uma morte assim é a mais perfeita, e a mais edificante que se póde almejar. Tcharudatta caminhando para o campo das lagrimas, e carregando ás costas a propria pala, me fará recordar a Via lacrimosa; e desta arte terei um passamento entre o Sanskrito e o Hebraico, entre o Eschylo do Indostão e o Rei de Jerusalem.

SACUNTALA.

Tarde venha esse momento grandioso e sublime, mas realise-se como a alta sabedoria de meu pai o concebeu.

CONDE.

E' uma morte de um genero novo, e que deve bellamente rematar a minha biographia: os ultimos momentos de uma illustração muito concorrem para a duração da sua gloria.

CONDEÇA.

Vaidade das vaidades...

SACUNTALA.

Gloria e immortalidade.

CONDE.

Minha filha: tu nascestes para occupar um throno.

CONDEÇA.

E tambem para abrir a porta do gabinete a esses senhores sabios, que por ahi vem entrando mui apressadamente: são pontuaes, batem onze horas: vai começar o espectáculo; vamos a ouvir-os.

O Conde falla ao ouvido de Sacuntala, e esta faz-lhe um signal affirmativo; vai para dentro de casa, e volta immediatamente.

ACTO II.

No gabinete archeologico.

SCENA I.

CONDE, CONDEÇA E SACUNTALA. *Entram alegres e cantarolando o DR. GAMIN, MARQUEZ BARATRE DE SAINT PILON e o DR. HYPOGET. Depois das cortezias ordinarias, entram de novo o BARÃO CRYPTIN DE COLOMBAIRE, e o VISCONDE BIBLETIN DE L'ARAT.*

CONDE.

Bem vindas as glorias da França: como vão de saude, de trabalhos, de extracção de obras, de gloria, e de contas com os livreiros?

GAMIN.

O infame editor das minhas obras, vai, sem meu consentimento, emplatar uma caricatura no meu volume de poesias, e expor-me ao ridiculo dos meus collegas; se ao menos o retrato fosse semelhante, passe, mas é uma copia servil de um mau daguerrotypo, que tinha dado ao meu criado, e que em nada se parece comigo.

CONDEÇA.

Vejo que a tal invenção não satisfaz a ninguem: as minhas amigas não querem ouvir fallar em retratos daguerrotypados, e não sei porque.

MARQUEZ BARATRE.

Porque são de uma grande sinceridade.

GAMIN.

Não senhor; porque são de uma grande estupidez: o meu parece-se com uma verdadeira ximia, com um peralta dos *boulevarts*: eu não tenho aquelle penteado, nem uma positura tão amaneirada.

MARQUEZ BARATRE.

É propriedade da maldita invenção exagerar tudo, principalmente as attitudes e penteados.

CONDE.

Meu doutor Hypoget, como vamos?

HYPOGET.

A minha memoria sobre a purpura dos antigos vendeu-se como canella : é questão decidida : dei uma tunda em Nicolini que o puz a tinir ; e no mesmo Homero e Vitruvio, de que elle tanto alardeia, achei motivos para tradictal-o.

BARÃO COLOMBAIRE.

Espere pela resposta, que lhe hade vir com as pinturas antigas e os mosaicos.

HYPOGET.

Neguei a authenticidade das pinturas pompeianas e hercolanescas ; e sobre o mosaico da casa do Fauno fiz uma rapida e intensa dissertação, provando a confusão que até agora tem-se feito da mitra persana como pileo, assim como de que o pavimentario daquella batalha nunca vira Alexandre, nem Dario, e que errou supinamente na maneira porque alinhavou as extremidades das anaxyrides. Os Snrs. Avellino e Quaranta ficarão mortos : servi-me das suas proprias armas, e combatio-os com Diodoro Siculo, Plutarco, Arriano, Quinto Cursio, e com o meu genio. Se não vencer, hei de dar que fallar : vão sempre á posteridade o vencedor e o vencido.

MARQUEZ.

Mas qual é a vossa opinião? É a batalha d'Arbella, do Isrso, do Granico, ou outra.

HYPOGET.

Limitei-me a destruir, e não a restaurar.

MARQUEZ.

E mais facil : custa menos a derribar do que a plantar.

CONDE.

Bravo, bravissimo, meu bom doutor: gosto dos corajosos. Os senhores italianos, que até agora tem pretendido serem os nossos mestres, é bom que vão provando a palmatoria. Quantos autores classicos citastes, ó doutor?

HYPOGET.

Todos. Pelo que vejo os meus illustres amigos ainda não leram o meu trabalho?

CONDE.

Falta-me tempo para a minha memoria a nericana.

MARQUEZ.

A politica e os Egypcios são os dous vasos da ampolheta que me devora o tempo.

GAMIN.

Com o trabalho insano de meu ultimo volume de poesias, e com aquelle maldito retrato, ainda não sou gente.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Não vi a vossa obra annunciada.

BIBLETIN DE L'ARAT.

Já li a sua obra, e estou formulando uma longa analyse para um dos principaes jornaes.

HYPOGET.

E poderei saber a vossa opinião?

BIBLETIN DE L'ARAT.

Depois d'amanhã, no *Jornal dos Debates*.

HYPOGET.

Quereis sacrificar-me a ler um jornal?

MARQUEZ BARATRE.

O que! o que é que está dizendo o Snr. doutor?

BIBLETIN DE L'ARAT.

Pois affirmo-lhe agora que o hade ler tres vezes, e com muita avides. Estimo saber da sua opinião sobre os jornaes, para fazel-o d'ora avante respeitar a maior potencia do seculo.

HYPOGET.

Poderá ser, meu bom amigo; mas sempre são folhas que juncam o terreno.

BIBLETIN.

E impedem a muita gente de enlodar-se, e a muitos de caminhar limpa-mente.

CONDE (*interrompendo-os*).

Meus senhores, tenham a bondade de estar a gosto, e de me ouvir um pouco. Antes de publicar a minha memoria sobre esta estatua, achada no Amasonas, cuja introduccão já está ali.

MARQUEZ.

Caspite! Quatro volumes in folio, quatro bacamartes para a introduccão ?!!!

CONDE.

Fui-me alongando, e sahio aquillo.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Benissimo, benissimo, caro mio. Reconheço ahi um parente, um homem do meu sangue: uma obra deve triumphar na intenção, e extensão: cabedal profundo, e riqueza em largo campo. Não sou do parecer do nosso illustre Marquez, que á maneira dos modernos italianos, escreve livrinhos, e os vai parindo, como uma matrona fecunda, de nove em nove mezes, e as vezes de sete.

MARQUEZ BARATRE.

Filhos creados, vão viajar para conhecer o mundo: o idealista, que amon-
toa trabalho na carteira, passa pelo desgosto de sahir á rua, e de o encon-

trar exposto : os antiquarios são Argos : nunca é tarde para se fazer uma edição completa de todas as publicações de um autor. Nas sciencias é preciso andar de pressa para se entrar a tempo no cathalogo; que nós não somos como os poetas que podem demorar nove annos os seus trabalhos na gaveta : estes são individualidades, e nós membros de um corpo collectivo. A humanidade devia escrever como os Egypcios, ou phonetica, ou figuradamente. A historia das nações devia ser narrada por obeliscos, as biographias por stelas, e a vida intima nos sarcophagoç, com lindissimas pinturas. O povo gigante sabia o que fazia ; e para lá vamos caminhando rapidamente : os livros modernos são mais obra dos pintores e gravadores do que dos escriptores.

BIBLETIN DE L'ARAT.

Tem toda a razão Marquez, já temos livros de mais. Um sabio, um verdadeiro sabio, deve morrer entre dous livros : a Biblia e Homero. Bastam-me estes dous livros; e quero, á maneira das estatuas funebres da idade media, que figurem no meu tumulo: a Biblia na cabeceira, e Homero nos pés; a Biblia symbolisando a minha assensão ao céu, e Homero as ficções mundanas que cá ficam.

CONDE.

Veja, senhora Condeça, que eu só não penso assim.

BIBLETIN DE L'ARAT.

O que? Acaso tambem te encontraste com este pensamento original, digno de arrematar a vida de um sabio?

CONDE.

Vai ouvindo, minha senhora, vai ouvindo?

CONDEÇA.

Mas acho o senhor Visconde de Bibletin mais catholico.

BIBLETIN DE L'ARAT.

Pois que é isso ! quero saber; porque se é a mesma cousa, um de nós deve mudar o programma da sua morte.

CONDE.

Anda por ahi perto, mas é cá de uma maneira mais luxuosa, e com gente differente e mais antiga.

BIBLETIN DE ST. CRYPTÉ.

Mais antiga ? Duvido.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

E poderemos saber, nobre Conde ?

CONDE.

É um segredo de familia, que já está determinado.

MARQUEZ BARATRE.

Pois eu não faço mysterios, antes desejo que os meus amigos o saibam, para melhor se cumprir minha vontade. O meu funeral deve ser assim : Quatro Arabes, ou Egypcios, pegarão nas pontas do panno mortuario que deve cobrir o meu formosissimo sarcophago ; comprei-o no leilão das anti-guidades de Denon. Quero ser enterrado junto ao obelisco de Luxor ; e deixo quinhentos mil francos á Camara Municipal, para que se lhe faça uma base de granito oriental, com quatro esphinges nos angulos.

CONDE.

Um abraço, meu amigo, sois um homem superior.

CONDEÇA.

Fallemos em cousas amaveis.

CONDE.

E ha cousa mais amavel que uma morte original ?

CONDEÇA.

Para quem foi copista em vida, é bem que acabe como original. Isto não é com os senhores.

MARQUEZ BARATRE.

Já estava subentendido, minha senhora.

SACUNTALA.

Snr. doutor Gamin, ouviu a ultima partitura de Donizetti, a opera de D. Sebastião? Gostei muito da aria do Camões ; e quero aprender a lingua por-

tugueza sómente para ler o seu poema, que me disse um moço brasileiro ser uma obra admiravel.

DOUTOR GAMIN.

Sou inteiramente da sua opinião.

DOUTOR HYPOGET.

Tenho escripto tanto para que se restaure a verdadeira musica, e que se restabeçam na tragedia os verdadeiros córos no tímele, mas acho-me n'um seculo de surdez e de delirio: o martello das machinas e o fumo do vapor occupam o ar, a terra e os mares.

MARQUEZ BARATRE.

A minha memoria para que a festa do Boi-gordo do carnaval se transformasse em uma bella procissão do Boi-Apis, foi cahir no sumidouro governamental, que não dá attenção se não ao que sai da urna eleitoral. Não seria mais bella, e mais instructiva, a vista de uns tres mil jovens, trajados á egypcia, conduzindo o bello filho de Jupiter Amon, do que a vista de uns rubicundos e obesos magarefes, e essa barbara montaria, que mais recorda um curro hespanhol do que um sacrificio romano, ou, como desejo, uma festa sobre as margens do sagrado Nilo?

DOUTOR HYPOGET.

De certo; mas o povo é um jumento manhoso.

CONDE.

E o nosso doutor Fossil aonde está! acaso não receberia o meu convite?

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Deixei-o examinando os fragmentos de um Vampiro microscopico, que descobriu no nariz de um Canopo egypcio.

CONDE.

Como foi isso, explique-nos, que ha de ser interessante?

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Vio um ponto branco e mais um filete e outro ponto que se ligavam, olhou com attenção, e pareceu-lhe vêr as extremidades das azas de um passaro;

applica-lhe a lente, e immediatamente reconhece o craneo de um vampiro ! Quebra o nariz da estatua, vê o resto do corpo; mas qual não foi o seu espanto, quando, applicando-lhe o microscopio, encontrou por toda a estrutura da pedra um novo mundo, povoado de novos seres, e logo começou a quebral-a....

MARQUEZ BARATRE.

Barbaro geologo, monstro iconoclasta !

BARÃO DE COLOMBAIRE.

E encontrou cousas que o tem aturdido ! Ainda não pôde bem distinguir um Megatherio invisivel que lá se acha, nem assentar suas idéas sobre outro esqueleto que lhe parece um Tapyropteros da antiga Lybia. Com a precipitação em quebrar partio um osso de outro animal, que pelos condillos do femur e forma da maxilla inferior dá a perceber um Mastodonte, ou um Ictyosauro imperceptivel. E o mais é que o homem está tão doudo com a sua descoberta coiossal, que me disse, que d'ora avante ha de comprar todas as antiguidades egypcias que encontrar, para novas pesquisas, e....

MARQUEZ BARATRE.

Não; que lhe hei de metter antes uma bala na cabeça.

BARÃO COLOMBAIRE.

Isso não ha de ser assim.

MARQUEZ BARATRE.

Fallo serio, e por minha honra o juro.

BARÃO COLOMBAIRE.

Senhor Marquez, fallemos de outra cousa.

MARQUEZ BARATRE.

Não ha de ficar impune, um crime desta enormidade, e nem seu autor passeará livremente, zombando de mim.

VISCONDE BIBLETIN.

Isso ha de ser alguma anomalia da crystalisação no momento de condensar-se, depois da grande combustão plutonica porque passou o globo.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

O homem é tenaz, e ha de ir avante. Verificada a sua descoberta, prova-se que o mundo não é mais que um rotundo phalanstero, onde as raças augmentam de volume á proporção que se civilisam. Se Fourier vivesse mandava-lhe um doce.

CONDE.

Será o nosso amigo o rival de Cuvier: aquelle restaurou ossadas de gigantes, e este agora as dos pigmeos quadrupedes. A hora avança e o tempo foge. Desejava ouvir a opinião dos meus illustres amigos, que são mestres, sobre esta estatua, achada no Brasil, no Rio Negro, e transportada pelo joven incansavel e esperançoso Snr. Conde de Castelnau; por que tenho já começado uma memoria sobre o mundo antecolombiano, cuja introduccão aqui está. Eu tenho, meus gloriosos collegas, um pensamento original sobre este primor da plastica brasiliana, mas não devo anticipar-me, sem ouvir primeiramente as vossas judiciosas reflexões, filhas de uma profunda erudição, e de uma critica sagaz, que não fallece em materia alguma.

VISCONDE DE BIBLETIN.

Á primeira intuição vê-se claramente que esta estatua representa Baal na attitude do repouso: ha nella resaios physionomicos das divindades caldaicas e babilonicas, assim como dos idolos do mar pacifico: Baal, Belo, ou Bel, era adorado nos bosques; e póde ser que alguns viajantes do Ophir, que creio ser a America, por lá espalhados, a esculpisssem; a arte não é dos ultimos tempos, mas exprime o pensamento.

CONDE.

Veja bem?

VISCONDE DE BIBLETIN.

Ou então um Zemel carayba. Na descripção das antiguidades judaicas nada encontro de positivo a este respeito: apezar de tudo, creio que é Baal ou um Zemel.

MARQUEZ BARATHRE.

Para que sonharem? Isto não é mais que um cynocephalo degenerado, e fabricado por algum dos colonos que mandou Necháó, rei do Egypto, seiscentos e dez annos antes da era vulgar; ou então de algum

obreiro que acompanhou as expedições de Dario, Xerxes, ou talvez de Hannon, ou de Himilcon; porque das de Polybio, ou Eudoxio não é: não ha nelle o caracter da época. É um cynocephalo, e um cynocephalo bem caracterizado: está na attitude de uma concentrada meditação: é o *Anubis latrator* de Virgilio, é o legitimo irmão de Osiris, o mesmissimo Mercurio pois até me parece ver-lhe uns visos informes de caducêo: e isto se prova pelo espirito commercial daquella época, e do symbolo que representava então esta estatua, ali deixada, sem duvida para commemorar essas conquistas. Que lhe parece meu Conde?

CONDE.

Tenho minhas duvidas ainda: o meu pensamento é outro, e desejava ouvir mais alguma cousa dos meus amigos.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Isto não é mais que um producto do nascimento das artes, como nascem em todos os tempos e paizes; e deixemo-nos de sonhos nebulosos. Isto é americano.

CONDE.

Sem duvida, que de lá veio. Mas onde foram os Brazilianos buscar ferro para esculpir esta obra?

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Tambem é uma consideração justa; mas eu não concordo com a opinião do nosso illustre amigo e mestre, do que lhe peço perdão; porque pela fórma do craneo, vejo que esta cabeça se afasta da organização caucasea, e antes parece descer á classe dos quadrimanos, ou do genero pithechio. Ora pelas duas proeminencias que o thorax apresenta, e a attitude dos braços e das pernas, e o prumo da columna vertebral.

CONDEÇA (*para a filha*).

Queres vêr que este combina comigo, e que é macaco?

SACUNTALA.

Se aquillo é uma Deosa: meu pai o disse.

CONDEÇA.

Está bom, verás que acaba em macaco.

BARÃO DE COLOMBAIRE (*continuando*).

Não é mais que a representação de uma dessas mulheres cabelludas, que se acharam no golpho Notu-Cera, cujas pelles foram expostas no templo de Jupiter em Carthago.

CONDE.

Nego, e nego com todas as forças de minha alma.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

É uma Gorilla, ou como o vulgo quer, uma Gorgona; e tenho em meu abono a autoridade de Herodoto, tres inscrições púnicas, duas medalhas, e um fragmento de marmore, que era do grande friso, que representava o peryplo de Hannon, e outras navegações carthaginezas.

CONDE.

E os carthaginezes foram ao Amazonas, subiram o Rio Negro?

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Provado o que acabo de dizer, fica isso demonstrado de uma maneira incontestavel. O oceano é campo sem trilho, e o horisonte uma praça com trezentas e sessenta avenidas, com sahidias para todos os quadrantes imaginaveis. Aonde estão as cidades fundadas alem das columnas d'Hercules, essas cidades Lybiphenicias; o que é feito dessa famosa *Machtach*, o Thymiaterion dos Gregos, o turibulo d'ouro e de perfumes, como lhe chamavam; onde se acham Zoloenta, Caricon-Teichos, Gytta, Acra, e a punica Misgab, a meliflua Melitta, e Arambya. O Snr. Conde sabe perfeitamente que alem dos mares existiam Trogloditas, que venciam os cavallos na carreira; sabe da fundação do Círné, e reconhece as festas da inflammada Thimiamaton, os prodigios do famoso Theon-Ochema, do Elbar dos Guanches, e Pico de Tenerife dos Europeus?

CONDE.

Perfeitamente.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

E o que é feito de tudo isto, e desses monumentos achados pelos Portuguezes, principalmente da famosa estatua dos Açores, apontando do alto do monte para o mundo novo?

CONDE.

Nada disso vem ao nosso objecto, meu erudito e feroso Barão; eu tenho para mim, que a civilização americana nasceu naquella terra da mesma maneira que ella nasceo nos nossos continentes unidos; e que se houve alguma emigração asiatica, como me parece haver indicios, nada influio sobre esses povos no correr dos tempos, pois que a sua theogonia está longe das principaes asiaticas, e se alguma coincidencia apparece, é sómente naquillo em que se encontram todos os povos: o homem é sempre o mesmo homem. Penso mais que os aborigenes do Brasil são filhos barbarizados de uma antiga civilização, e que esta passou para o Mexico: a primitiva raça desapareceu, e deixou vestigios de sua passagem. Este idolo amasonico não é uma idéa isolada! uma estatua pede um templo, um templo uma architectura, e uma architectura encerra com sigo as artes mechanicas, e estas uma industria, e esta industria uma civilização, e com esta todo o nobre cortejo das bellas artes, da litteratura, e de todos os elementos que conduzem o homem á perfectibilidade.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

E onde se submergio todo esse mundo gigantesco, de que não ha visos tradicionaes?

CONDE.

Da mesma maneira que o Asiatico e o Africano: se uns Gregos nos não houvessem dito alguma cousa sobre o Egypto o que seria de nós?

MARQUEZ DE BARATHRE.

Seríamos eternamente uns miseraveis.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

E aonde estão os monumentos brasilianos dessa primitiva raça?

CONDE.

Esse é que é o meu segredo, e a novidade da minha memoria. Ah! meu Deos, quantos thesouros não estão perdidos por essa desgraçada America, por esses sertões incultos, e na visinhança desses miseraveis grimpeiros, que de dia em dia mais se barbarizam? Rios inteiramente novos, inteiramente desconhecidos, por onde só tem navegado a canoa do indio, e ultimamente o nosso joven patricio, que os descobrio! É necessario que

haja trevas iguaes as do primitivo chaos em uma terra que se appellida Imperio, para se ignorar o que está ali a dois passos de casa; já não digo um monumento humano, que uma floresta póde encobrir, mas um rio, e um rio gigantesco!

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Um Brasileiro me disse que esses rios já são conhecidos, e que até já lêra roteiros de navegantes que os exploraram; e accrescentam que nos nossos proprios mappas estão indicados.

CONDE.

Não creia, meu amigo: são moços já civilizados por nós, e que envergonhados do que se passa no seu paiz, procuram essas desculpas honrosas, que muito louvo.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Não senhor; este é chegadoinho de fresco, e ouvi-o fallar tres lingoas admiravelmente.

CONDE.

Isso é um. Sei que lá ninguem se importou com a vinda desta estatua, e que antes todos se riam do nosso nobre viajante por levar para a nova Athenas aquelle primor d'arte, e que quando se lhes dizia que era uma obra antiquissima, riam-se como doudos, principalmente um coronel velho do Pará, que dizem ser autor de algumas obras; que obras não serão ellas! A nós, sómente a nós, é que cabe esta espantosa revelação, este grande apparecimento igual ao planeta de Leverrier.

TODOS.

Bravo, bravissimo, meu conde: só a nós cabe dizer isto ao mundo: abri o outro olho, se quereis igualar-nos.

VISCONDE BIBLETIN.

O universo é o pupillo da França; e nós somos os astros de toda a humanidade.

DOUTOR GAMIN.

E as nossas modas que o digam.

MARQUEZ BARATHRE.

Pouco tarda o dia em que havemos de resolver o grande problema, tão lavado com sangue na ardesia dos povos.

CONDE.

O Brasil deve ser nosso, não como quer o illustre viajante que foi em missão secreta, mas de uma maneira livre, e segundo as mais altas theorias da politica transcendente; elle nos deve pertencer, assim como toda a terra, por meio do socialismo: é um paiz que está muito endividado para com a actualidade.

MARQUEZ BARATHRE.

Ahi vem a vossa mania phalansteriana; deixemos isso por ora, e vamos á nossa conversa.

CONDE.

Vá. Adquirido o Brasil, então mudaremos a face da sciencia historica, da politica, e esse mundo que jaz petrificado como um fossil.

SCENA II.

DOUTOR FOSSIL.

Ouvi pronunciar o meu nome, e aqui chego a ponto: tudo isso é um novo signal da vossa amigavel impaciencia: aqui estou, e antes de jantar!

CONDE.

Amavel Dr., folgo immenso de o vèr: como lhe vai com a sua descoberta?

DOUTOR FOSSIL.

Desejo não interromper-vos com questões alheias do alto objecto desta reunião tão respeitavel; tenho gosto em ouvir os oradores, e reservo-me para camarariamente revelar-vos a minha descoberta: achei um mundo, e conquistei a eternidade. Estou cheio de alegria e de susto.

CONDE.

E porque de susto?

DOUTOR FOSSIL.

Porque não é a primeira vez que me sacrifico pelo amor da gloria. Hão de estar lembrados daquella questão muito simples que tive por amor daquella ossada em que eu via, e ainda vejo clara e distinctamente um esqueleto humano, e que o inexoravel Cuvier sustentou que era de uma Salamandra, e que me fez escrever....

MARQUEZ BARATHRE.

Quatro volumes em grande oitavo, para perder a batalha.

CONDE.

Mas dessa data é que o vosso nome subio ao céo da gloria.

MARQUEZ BARATHRE.

É verdade que o vencido sempre acompanha o vencedor.

DOUTOR FOSSIL (*olha por algum tempo com desdem para o Marquez e diz*):

Vamos á nossa estatua, Snr. Conde, que tambem a estudei, e tambem tenho a minha opinião que dar. Serei muito feliz se ella poder lançar alguma faisca luminosa neste oceano de luz e de sabedoria.

CONDE.

Provarei que o Imperio do Brasil já teve uma civilisação maior que a actual, uma civilisação vernacula, espontanea, uma civilisação materna, donde descendem esses fragmentos informes achados no Mexico, e no resto da Costa do Pacifico. Tenho documentos e autoridades, que mandei extrahir do archivo de Simancas, que farão calar todos os escriptores; hei de dizer-lhes: o que sabeis da America, e sobre tudo do Brasil, é uma mentira.

VISCONDE BIBLETIN.

A Inglaterra, a nossa eterna rival, quanto daria por este facto!

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Nada; para possuir o Amazonas, tudo. Os marmores Elginos, e o que houve com elles, provam o estado de atrazo dos nossos vizinhos em materias finas.

CONDE.

A minha descoberta fará mais assombro do que fez a queda do Império Romano; os barbaros gritavam a uma: *Quid salvum, si Roma perit?!...*

DOUTOR FOSSIL.

E o universo não naufragou. Para do polytheismo passar-se ao christianismo, era necessario que houvesse o zero entre o positivo e o negativo das idéas dominantes; e este zero foi a irrupção. Estamos ameaçados de uma dentro de nossa propria casa.

CONDE.

Deixe-me acabar. Não perderei occasião de dar algumas vergastadas naquella gente toda, e perguntar-lhes para que lhe serve lá um Instituto Historico e Geographico. N'uma carta que recebi do Dr. Klopstmein tenho noticia de que em uma pedra, que lá existe á esquerda da entrada da barra, a que chamam Pão d'Assucar, ha uma inscripção em caracteres rhunicos, que prova que aquella pedra immensa é uma estatua arruinada pelos seculos, e que figurava um Indio sentado, sustentando na mão esquerda o carro do sol, e com a direita acariciando uma baleia no fundo do mar: ainda se vê claramente da parte da cidade o lugar donde se despegou o braço. Consta-me mais por este profundo observador, e por outros viajantes, de inscripções gigantescas em varias pedras e em ilhas no meio do mar, como sejam a do monte Gavia, e a da ilha do Arvoredo, e todas em caracteres rhunicos.

MARQUEZ BARATHRE.

Isso já é uma grande novidade! não sejam Egypcios!

CONDE.

Nem uma, nem outra cousa: são caracteres amasonicos: este é o primeiro ponto da minha memoria, que vai dar que fazer aos Snrs. Welcker, Avelino, Becchi, Javarone, Finati, Iorio, Parascondolo, Caterino, Quaranta, Nibbi, Nicolini, Melchiori, que formam o apostolado celeberrimo daquellas reputações á minha obra sobre o calçado dos antigos: hei de vingar-me de todos, um por um.

MARQUEZ BARATHRE.

Na parte egypcia, tenha paciencia, ha alguns esquecimentos.

DOUTOR FOSSIL.

E de quantos volumes será composta a vossa obra?

CONDE.

Ainda não sei: tenho aqui a introdução em quatro volumes, e estas seis pastas de notas para a primeira parte.

MARQUEZ BARATHRE.

Conde, tudo o que passa de um oitavo é massada, ou luxo opiatico para quem já estudou alguma cousa.

CONDE.

Eu não penso assim; nem quero adular esses senhores que recebem gente no Instituto com tres theoremas, ou com livrinhos em oitavo: em França tudo é moda.

DOUTOR FOSSIL.

Dizia ha tempos um desses modernos areopagitas, que um volumeto em oitavo bastava para elle hypothecar o seu voto; ao que outro accrescentou: basta-me uma folha de papel. Veja como vai a Academia Real das Sciencias?!

MARQUEZ BARATHRE.

Esses são dos meus: basta-me uma linha escripta, basta-me uma inscripção decifrada, basta-me a leitura de uma stela egypcia.

DOUTOR FOSSIL.

Santo Deos! como a sciencia se vai atrophando com o vapor, o galvanismo e o confortavel! Vejo que nestes tempos Vico é preferivel aos incansaveis Alberto Magno, Tostato Abulense, Torresilla, D. Dionisio de Santa Martha, e os Bolandistas! vejo que Grevio, Margarino, e Muratori são preteridos por um Descartes, por um Erasmo, ou por Pascal! Homens de voluminhos, litteratos pigmeos escriptores homeopathicos, contra todos esses gigantes, que por si só fazem uma bibliotheca, e tem para dar a ler ainda ao mais saudavel octogenario nascido entre livros. Livrinhos desses fazem os jornalistas ás duzias, faço-os eu a toda a hora: quero livros de peso, livros de respeito, livros de estante e não manuaes, livros, finalmente, que exerçam o corpo e alma, que encubram o leitor,

e não esses ridiculos portateis, inventados pelo charlatanismo, pela rapacidade e conveniencia dos livreiros.

MARQUEZ BARATHRE.

Eu morria se fosse condemnado a ler esses massistas.

CONDE.

Pois eu aqui estou são e perfeito, que os li de cabo a rabo, sem fallar em Sellier, Ducange, Labi, Atheneo, e Plinio, que sei de cór. e salteado.

DOUTOR FOSSIL.

Isto é que foram escriptores, e não madraços de folhetos confortaveis, de sciencia d'algibeira. Para se avaliar o genio de um escriptor basta olhar para Leblanc, que escreveu seis bacamartes in-folio sómente sobre os psalms; e o Snr. D. Calmet.

VISCONDE BIBLETIN DE L'ARAT.

Esse é um homem immenso!

MARQUEZ BARATHRE.

E que dirão os senhores do famoso Cornelius Alapide, que escreveu para o dorso de trinta cangueiros?

DOUTOR FOSSIL.

Que merecia uma estatua em todas as bibliothecas do mundo.

CONDE.

Uma estatua de ouro, com a seguinte inscripção: — FLAGELLO DOS MADRAÇOS.

MARQUEZ BARATHRE.

C'est un peu trop fort, meu Snr.

CONDE.

É o que lhe digo, meu amigo, sou franco. Meu Dr., que idéas tens ácerca deste magnifico artefacto?

DOUTOR FOSSIL.

Creio que é uma bella petrificação; e se o não é, o que duvido, inclino-me a um idolo caldaico.

VISCONDE BIBLETIN.

O Snr. Dr. concorda comigo: ha já dous votos.

DOUTOR FOSSIL.

Está-me parecendo que aqui, entre a espada direita e a clavicula, ha uma inscripção, cujos caracteres estão um pouco apagados.

CONDE.

Onde, como, que nada vi!... (*rodeam todos a estatua*). Tenha a bondade de explicar-se.

MARQUEZ BARATHRE (*á parte, e comsigo*).

Este barbaro não me escapa hoje.

DOUTOR FOSSIL.

É uma inscripção em caracteres cuneiformes.

MARQUEZ BARATHRE.

Não ha tal.

DOUTOR FOSSIL.

V Ex. foi a Babylonia?

MARQUEZ BARATHRE.

Não, Snr., mas sustento o que digo.

CONDE.

Ouçamos o Snr. Dr. Fossil, e sentem-se, meus Snrs.

DOUTOR FOSSIL (*sentado, e depois de escarrar*).

A inscripção deste artefacto é cuneiforme. Se esta obra não tivesse uma inscripção phonographica, ou phonetica, pertencia a uma civilização posterior, e por assim dizer, do segundo gráo, ou de tempos posteriores, como o Egypto, a.

MARQUEZ BARATHRE.

Civilisação anterior á do Egypto?! Nego.

DOUTOR FOSSIL.

Esta estatua pertence á civilisação ante-diluviana, quando a terra fallava uma lingua. Rez Porter é quem falla.

DOUTOR GAMIN.

Quando o Porter falla em Inglaterra, o mundo ferve, e o cerebro britannico espuma semelhantes absurdos.

DOUTOR FOSSIL.

O Snr. Dr. Gamin pôde-me dizer a como se vende a pomada de Massá, ou onde se acham espartilhos?

DOUTOR GAMIN.

Augures, antiquarios e geologos pôdem rir-se mutuamente: disse um sabio allemão, que era da familia.

TODOS.

Alto lá, Snr. poeta, que isso é falso.

CONDEÇA.

Meus bons senhores, sejam tolerantes. Não me admirará se em qualquer dia apparecerem impressas as memorias de Adão: vejo-os já marcharem por cima do diluvio.

DOUTOR FOSSIL.

Muito bem, minha Snra., mas ha de permittir que acabe esta differença com o Snr. Marquez Barathre.

MARQUEZ BARATHRE.

Estamos em duas estacadas: não ha sómente differença, estamos acampados. Continue.

DOUTOR FOSSIL.

Esta inscripção semitica, na paleographia oriental, está classificada no

caracter babilónico; e para lhe provar o que digo não bastaria o tempo restante do dia, mas muito mais; e declaro ao Snr. Marquez, que aceito qualquer luva científica com que me honrar.

MARQUEZ BARATHRE.

Acceito. O nosso combate é improficuo, e só serviria agora para ostentação e vaidade; e os Egypcios não conheceram a vaidade, antes eram modestos: para os Deuses tudo, porque eram a verdade; para os homens nada, porque eram transitorios; aos immortaes, montanhas artefactadas, obras cyclopeanas, gigantescas, irreproduziveis; aos homens uma sepultura no seio da terra, e um sarcophago para o seu corpo: hymnos e oblações nos templos, silencio e balsamo nas sepulturas.

DOUTOR FOSSIL.

E ao que vem isso agora?

MARQUEZ BARATHRE.

O Snr. Dr. já foi ao Egypto?

DOUTOR FOSSIL.

Corri toda a Asia: subi ao mais alto ponto do Hymalaia, estive na China, na Siberia, e conheço toda a Europa.

MARQUEZ BARATHRE.

Quem não foi ao Egypto ha de ser sempre um mau antiquario, ha de ficar com uma archeologia acephala: falta-lhe a cabeça.

VISCONDE DE BIBLETIN.

O Snr. Conde tem ali um caixão que de lá veio, e nem por isso diz grandes cousas.

MARQUEZ BARATHRE.

Dê a esse caixão uma alma immortal, um cerebro, nervos, e uma lingua, que teremos um grande sabio. Esta inscripção, Snr. Dr., é da primeira epoca, ainda que toscamente burilada: é nesta mesma incripção, (*pondo-lhe uma enorme luneta,*) que encontro as mais valentes armas para o derrotar: aqui mesmo estou lendo agora um nome, dous nomes! .que provam que a palavra Brasil e Amazonas são de uma antiguidade remotissima.

CONDE.

Marquez, Marquez, diga-me isso em particular.

MARQUEZ BARATHRE.

Nada, meu amigo, devo dizer alto e bom som tudo o que penso ácerca desta obra, para provar ao Snr. Dr. que os meus titulos são legitimos para aspirar a uma cadeira academica no Instituto: *omnia mecum porto*. Tenha a bondade de ler da direita para a esquerda.

DOUTOR FOSSIL.

Já li, e estou prompto a decifrar esses caracteres cuneiformes. Achmenides está ahi, escripta em *arrawheaded*, como muito bem lhe denominam os inglezes.

MARQUEZ BARATHRE.

Observe, Snr. Conde; observem, meus Snrs.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Vejo umas garatujas informes de permeio desses crystaes de pheldspatho, que me parecem undulações, carcomidas pela chuva e tempo neste veio da pedra.

VISCONDE DE BIBLETIN.

Parece-me a mesma cousa.

CONDE.

Nada digo por ora, quero vel-os.

DOUTOR GAMIN.

Isto é o que os canteiros chamam salgado na pedra.

MARQUEZ BARATHRE.

Pois eu não lhe acho sal, meu Snr. Não se fascinem, deixem o amor proprio á banda, e ouçam o que digo:—AMASONEPH BRASEILOPH: eis a inscripção.

CONDE.

Será possivel?! Prove-o, marquez.

MARQUEZ BARATRE.

Este A está perfeitissimo, porque se póde tomar, ou por uma aguia, ou por um braço em attitude de oração.

DOUTOR GAMIN.

Será bico, ou cabeça?

MARQUEZ BARATRE.

É cabecinha, menino. Este A tem a sua forma perfeitissima; este M é uma fouce de cegar.

DOUTOR GAMIN.

E só os cegos a poderão ver.

MARQUEZ BARATHRE (*querendo devoral-o com os olhos*).

E o outro A, que se segue, é a mais perfeita faca que tenho visto, e.

DOUTOR GAMIN (*baixo*).

A-t-il un air tranchant?

MARQUEZ BARATHRE.

E está aqui graphicamente exarada como nos cartuchos do obelisco de Luxor; veja este S, se não é o lituo sagrado, o cajado classico, ou aquelle dardo recurvado na haste.

DOUTOR GAMIN (*baixo*).

O homem está ferino, dardeja erudição.

MARQUEZ BARATHRE.

O O, tão conhecido; e. . .

DOUTOR GAMIN (*baixo*).

Oh! oh! oh.

MARQUEZ BARATHRE.

E o N, redentado, como uma setta.

DOUTOR GAMIN (*baixo*).

Vai serrando admiravelmente o serrazina.

MARQUEZ BARATHRE.

E este E, de dous entalhes; e este PH, undulando, com a forma da serpente ureus?

DOUTOR GAMIN (*baixo*).

Agora estou mordido.

CONDEÇA.

Snr. Dr., ouçamos o nosso amigo.

DOUTOR GAMIN.

A Snra. Condeça manda, e não pede.

MARQUEZ BARATHRE.

Querem-no mais claro, meus Snrs.? AMASONEPH! Amasoneph é o nome do Deus das aguas desse famoso Nilo, cujo delta é maior que o reino de Portugal, e tão fértil como o Eden de Milton, como o Paraíso da Biblia, ou como as terras demagógicas de Platão, Bacon, e Campanella.

CONDE.

Meu Marquez, vós sois outro eu: tendes sido um reflexo, direi melhor, um écho da minha alma: é estupendo este encontro! nossas almas, nossas idéas, caminham a par e passo uma da outra! A não ser uma pequenina mudança que ha, pareceria uma combinação. Isto é um prodigio! isto é uma maravilha... (*abraça o marquez, e pergunta ao ouvido de Sacuntala*). Mandaste vir o tachygrapho? (*alto*) Continue, Marquez.

SACUNTALA.

Sim, Snr.

MARQUEZ BARATHRE.

Vou explicar authenticamente o resto da inscripção:—BRASEILOPH, que é exactamente o nome do Brasil!

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Visto isso, o nome daquella terra não é o da madeira que dá tinta vermelha?

MARQUEZ BARATHRE.

Sonhos e gabos de especuladores modernos. Foi o Egypto conhecedor do Brasil pelo seu nome actual; e o que não conheciam os Egypcios? Veja este B.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Estamos já convencidos, Snr. Marquez.

DOUTOR FOSSIL.

Eu, desta maneira, sou capaz até de ler inscrições zendas e phenicias nas raizes dos páos carunchosos, ou nas minhas cadeiras de mogno.

MARQUEZ BARATHRE.

Agradeço-lhe o atticismo, e admiro-lhe a sciencia.

DOUTOR FOSSIL.

Sou pouco lisongeiro, e nisto tenho resaibos egypcios.

MARQUEZ BARATHRE.

Só se fôr dos egypcios allemães: a sua côr morena, e a vida errante que leva, dão-me indicios de cigano: olhe que estudei as raças.

DOUTOR FOSSIL.

Então melhor conhecerá a dos impertinentes e orgulhosos.

MARQUEZ BARATHRE.

O que quer o Snr. Fossil dizer com isso a um cavalheiro?

DOUTOR FOSSIL.

O que quizer, e como entender: a cavalheiros não fallo assim.

MARQUEZ BARATHRE.

Isto é uma provocação! O Snr. pensa que eu sou alguma antiguidade egypcia para mutilar-me barbaramente?

DOUTOR FOSSIL.

E o Snr. pensa que eu sou algum estúpido cobarde, que recue depois do primeiro passo? Quando desembainho a espada, fico com o ferro e atiro com a bainha.

CONDEÇA (*para o Marquez*).

Snr. Marquez, modere-se, que.

MARQUEZ BARATHRE.

Minha Senhora, isto é negocio que acaba mal : já estou com seccuras e amargores.

DOUTOR FOSSIL.

Eu desejava offerecer-lhe uma bala.

CONDE.

O que é isto Senhores ; antes de jantar um duelo ?

MARQUEZ BARATHRE.

O Snr. Dr. collocou-me em um estado de não poder assistir ao seu jantar. Vou-me embora.

CONDEÇA.

Não, meus Senhores, isto não ha de acabar assim.

CONDE.

Não ha de sair. Os Egypcios não conheceram o duelo, e eu.

MARQUEZ.

Mas nunca recuaram nos combates.

DOUTOR FOSSIL.

Estou ás ordens da Snra. Condeça.

CONDE.

Pois bem. Não tenho carne de Ibis, mas tenho-a de um famoso Apis, tão boa como a melhor de Inglaterra.

CONDEÇA.

Creio que isto foi um brinquedo entre os Senhores, que são dous varões tão recommendaveis pelo seu saber e qualidades? O Snr. Dr. Fossil, cede, e esquece tudo.

DOUTOR FOSSIL.

Se V Ex. exige que eu retire qualquer expressão menos delicada, o faço de boa vontade.

MARQUEZ BARATHRE.

E eu igualmente, que nasci cavalheiro.

CONDE.

Tudo está acabado. Minha filha, vai ver o jantar, e chama-nos immediatamente.

MARQUEZ BARATHRE.

Meu Conde, minhas Senhoras, previno-lhes sómente que eu costume jantar á egypcia, e peço-lhe licença para mandar á casa buscar a minha camilha, e uma mesa antiga, porque assim estarei a meu gosto.

SACUNTALA.

Estará tudo a seu gosto, Snr. Marquez, porque já lhe apromptei um bello arranjo, e bem classico.

MARQUEZ BARATHRE.

Tendes uma filha que acaba de fascinar-me: estou confuso; e se tivesse um throno, dava-lh'ó.

CONDE.

Está traduzindo um cantico dos canticos, e já sabe algumas bellas producções em Sanskrito puro.

MARQUEZ BARATHRE.

E eu quero ser o seu mestre de egypcio; quero que ella no dia dos vossos annos vos recite uma oração egypcia inedita, que possuo em um papyro achado ha pouco.

CONDE.

Acceito e agradeço.

SACUNTALA.

E eu prometto amor e fanatismo no estudo.

MARQUEZ BARATHRE.

Ah ! se eu fosse solteiro, havia, de joelhos, de pedil-a em casamento, para ser o esposo o mais feliz do mundo, e viver egypciaamente como um novo Pharaó.

CONDEÇA.

E se ella morresse, iria mumificada para o buraco de alguma pyramide.

MARQUEZ BARATHRE.

Ah ! como fui feliz neste momento, mas durou pouco o meu sonho. Tenho uma bella e boa mulher, mas não tem um coração antigo, uma alma egypcia.

CONDE.

Outro tanto, outro tanto, por ca vai : é fado dos sabios.

CONDEÇA.

Casasse com uma estatua, Snr. Conde, que havia de ser feliz. O Snr. Marquez não podia nem isso fazer, porque as mumias, segundo ouço dizer, não tem coração, nem entranhas. Ahi vem gente?

CONDE.

Será o Snr. Stokfisch, o grande sabio allemão, a quem convidei hontem, e que me não lembrava agora.

SCENA III.

STOKFISCH.

Bons dias, minhas Senhoras e Senhores. Perdoem-me o vir tarde, mas não fóra do caso, porque pude estudar a tempo esta estatua, n'uma copia que agora vai para o celebre Dr. Kanstischfrts.

CONDE.

Será possível ?

STOKFISCH.

Custou-me, mas lá foi : foram illudidas as ordens do director : custou-me dous mil francos.

CONDE.

Mas como é isso, meu amigo ?

STOKFISCH.

Empreguei as alavancas de primeira classe o telegrapho electrico, e o galvanismo.

CONDEÇA.

Dourou as mãos da autoridade subalterna ?

STOKFISCH.

Bravissimo, minha Senhora : o coração está perto da algibeira. Dizia o meu lente de esthetica, na universidade de Berlim, á vista dos mundos e fundos que promettia um charlatão estrangeiro, que os especuladores tem a alma n'uma algibeira, o coração na outra, e a patria na gaveta.

CONDE.

É uma infamia passar ás mãos dos estrangeiros uma antiguidade que nos pertence.

STOKFISCH.

Pois acharam-na em França, os Senhores, ou veio ella do Brasil ?

CONDE.

Deixemos isso para outra occasião. Diga-me, meu bom e sabio amigo, quaes são as suas idéas a respeito desta estatua ?

STOKFISCH.

Oh !. Esta estatua me veio abrir um mundo novo, e fazer uma descoberta maravilhosa. Obrigado a ler essa inscripção que tem nas costas,

reconheci, pela fôrma dos caracteres, que os brasileiros descendem dos gregos.

TODOS.

Ah ah ah, ah ah ah ah.

STOKFISCH.

Admira-me que archeologos se riam de uma tal descoberta, depois da publicação da minha obra ultima, a estatistica da humanidade; onde demonstrei que toda a especie humana derivava de um só tronco, e que as linguas do universo se reduzem ao dialecto antediluviano, como se vê nas minhas taboas synonymicas pela comparação de cento e vinte e nove linguas, e sobre tudo na taboa da corrupção dos vocabulos.

MARQUEZ BARATHRE.

Mas onde foi o Senhor achar esse dialecto antediluviano?

STOKFISCH.

Na mesma região onde descobri esta novidade: o estudo das linguas é a bussola do sabio, porque as acções mentem, mas as palavras não.

DOUTOR GAMIN.

Ha muito que se lhe dizer sobre isso.

DOUTOR HYPOGET.

Sempre ouvi dizer: a boca mente, os olhos não.

BARÃO DE COLOMBAIRE.

Ouçamos o Snr. Dr. Stokfisch.

STOKFISCH.

Quem é dos Senhores aquelle que conhece a lingua quichua, a quichua aimarai, a lingua iroquez, o dialecto esquimau, e o patagonico; e qual é aquelle que aprofundou philologicamente as linguas tupidicas, caraiba e guarany? Qual é dos Senhores aquelle que as póde comparar como eu, que ha cincoenta e dous annos não faço outra cousa?

MARQUEZ BARATHRE.

Sobre o egypcio creio poder dizer alguma cousa.

STOKFISCH.

Não sei, meu Senhor; depois da minha volta da Abyssinia, e das conclusões publicas que defendi em Damasco e Pekim; depois das minhas ultimas excursões ás ruinas de Babylonia e de Arsinoe, tenho minhas duvidas.

MARQUEZ BARATHRE.

Já li a inscripção desta estatua : é egypcia, e os Senhores são testemunhas : aqui está ella.

STOKFISCH.

Estas manchas, e estas veias da pedra significam o mesmo que as manchas do sol, da lua, ou as bandas de Jupiter. Meu caro Marquez, quero dar-lhe por annel doutoral o de Saturno : enfie-lhe o dedo quando quizer.

MARQUEZ BARATHRE.

E eu a patente militar que lhe convém por tão bellas razões : viva meu cabo de esquadra.

STOKFISCH.

Os brasilianos descendem dos gregos.

CONDE.

Prove-o.

STOKFISCH.

Pois bem, ouçam-me com a devida attenção. Que paiz foi esse onde o grego Pytheas desembarcou, e que tantas discussões abriu na antiguidade? onde foi elle parar e esse famoso Euthymenes quando largaram de Marselha e dividiram o mundo entre si? Acaso não está consignado o nome de Pytheas nesses animaes que o vulgo denomina macacos, e que os sabios, por uma corrupção natural, ainda chamam Pithequias? Aonde estão as obras desse piloto sobre o oceano, e a sua descripção da terra, que tanto illustrou a Timosthenes?! Lelewel, meus Senhores, consigna um pensamento na sua obra sobre este grego, que de certo elle mesmo não medio todo o alcance do que escreveu, nem a porta que abriu, não a conjecturas, mas a probabilidades irrefragaveis, e talvez a combinações enge-

nhasas que se acham quasi provadas com a denominação que teve o Brasil de França Antartica, e com a amizade que houve entre os francezes e os tamoyos, a raça chamada antiga, a dos avós, dos poetas, dos cantores e dos guerreiros. O nome de Pytheas, corrompido levemente em Pithequias, é a chave de ouro da minha descoberta, tanto mais que ella será abraçada por trinta e seis milhões de homens, logo que eu prove que o Brasil foi colonizado por habitantes de Marselha, em eras remotissimas, e que eu faça refluir ao grande povo que habita hoje este continente a gloria de ser o seu primeiro colonizador.

CONDE (*á parte*).

Estes allemães são incomparaveis, parece que nascem para as descobertas profundas: cada vez estou mais confuso.

CONDEÇA.

Mein Herr Stokfisch, estou-o achando admiravel; mas veja que a côr dos nossos cabellos e da nossa pelle, assim como a fôrma dos nossos olhos e narizes nada tem de semelhante com a desses hediondos selvagens.

MARQUEZ BARATHRE.

Antes de Pytheas já os Egypcios haviam feito explorações maritimas; e a côr delles, e seus cabellos e feições coincide não só com a dos actuaes selvagens, como tambem com as feições das figuras que se acham esculpidas nos monumentos de Palenque. Ah! todo o Yucatan é um filho do Egypto, e é necessario ser cêgo, ou nada ver, para se duvidar desta asserção.

STOKFISCH.

O Snr. Marquez é um grande engenho, e póde, como Leonardo da Vinci, encher na humidade e na poeira de um muro velho o famoso cartão da guerra de Pisa; mas eu cá, meu rico Snr., procedo pelo methodo analytico: decomponho o todo secular, com todas as suas alterações para extrahir uma verdade, e escrevel-a no livro eterno da historia. Aqui não se trata da obra do Dr. Apocryphus, que é a menina dos seus olhos, onde se explica empyricamente que um cacherenguengue de cozinheiro, uma cobrinha, um dado, um mono com cara de gente, ou gente com cara de bicho quer dizer: Rhamarés, Necháó, ou Osiris; e com taes necedades pretende imbahir creanças capazes de serem que a lua é um espeto, assim como a terra um besouro, ou que um ovo de caranguejo alado, seja o sol: ah. ah. ah. ah.

MARQUEZ BARATHRE.

Aqui tem este cartel: marque o dia e a hora.

STOKFISCH.

Um duello? Pois bem, será o terceiro esta semana.

TODOS.

O que é isso, meus Senhores?!

MARQUEZ BARATHRE.

Sou homem de principios e de honra: é meu inimigo mortal o que duvida da sciencia egypcia, quanto o mais o que della zomba.

STOKFISCH.

Depois que eu provar de uma maneira authentica em como os selvagens do Brasil descendem dos Gregos, estou ás suas ordens.

MARQUEZ BARATHRE.

Escolha as armas, se é archeologo.

STOKFISCH.

A pistola.

MARQUEZ BARATHRE.

Isso não é de um antiquario: não uso de armas barbaras.

STOKFISCH.

Pois escolha o Snr., que estou por tudo: aceito o socco, o primitivo cacete, a flecha e arco, ou se quizer a lança, a balestra, a catapulta, ou mesmo o ariete: estou prompto; mas deixe-me acabar o meu discurso, que este lugar é improprio para taes explicações.

MARQUEZ BARATHRE.

Quero á lança, e n'um plaustro egypcio com biga, ou á flecha, de mitra e cota: prefiro armas egypcias.

CONDE.

Bravo, bravissimo: é um gracejo de bom gosto.

CONDEÇA.

O Snr. Marquez seria um optimo actor.

DOUTOR GAMIN.

Sem hyeroglyphos falla egypciamente, e. . .

MARQUEZ BARATHRE.

E não brinque comigo, meu poetinha, que lhe heide metter os pés.

DOUTOR GAMIN.

Espondeos, ou dactylos?

STOKFISCH.

Deixem-me acabar, Snrs.

MARQUEZ BARATHRE.

Ah! se eu fosse um Briareo..

DOUTOR GAMIN.

Não era egypcio.

MARQUEZ BARATHRE.

Batia-me com todos. O Snr. Stokfisch tem trinta dias para se preparar.

STOKFISCH.

Pois bem, mas conceda-me trinta minutos antes de jantar, para que eu acabe.

CONDE.

Amigo Marquez.

CONDEÇA.

Snr. Marquez.

SACUNTALA.

Por quem é, Snr. Marquez, não nos prive de ouvir o Snr. Stokfisch, que está muito interessante. (Á parte) É pena que seja tão feio e tão magro este tudesco, porque é um homem admiravel, e capaz de cativar um coração.

STOKFISCH.

Descendem dos gregos os actuaes selvagens do Brasil: resumirei as provas. *Tupan*, que significa o que é tudo, não é o mesmo que o grego TO PAN? *Oca*, não tem toda a semelhança com Oicos, a casa; e Oicó não é o mesmo que Oicó em grego, que significa—residir, habitar?! *Cunhã* não se assemelha a GUNÉ, a mulher?

CONDE.

Essa ultima palavra está um pouco não sei como.

STOKFISCH.

A gutural branda do grego passou na lingua brasilica para forte correspondente: isto é muito ordinario: Portus Cale, Portugal, eis o C transformado em G: é cousa tão ordinaria.

BARÃO DE CRYPTIN.

É grande verdade, e temos mil factos em favor.

CONDE.

Assim é; mas quero ouvi-lo.

STOKFISCH.

Pois bem; vejam ainda mais a semelhança e significação de *Miri*, pequeno, com MICROS; de *Hy* com HYDOR, a agua; *Cati* com AGATHOS, de onde se tirou a primeira vogal, e a gutural branda passou para forte; vejam *Ita* com LITHOS, que significa a pedra, tirando-se a primeira letra como em AGATHOS; e mais ainda em *Ara* com HEMERA, que significa o dia igualmente! Ah! Senhores, são tantos os vocabulos semelhantes que representam as idéas primordiaes, que escuso cançar mais a vossa paciencia com novas provas.

CONDE (*à parte*).

Perco a cabeça neste labyrintho de idéas novas (*para a Condeça*). Minha Senhora, esta estatua é insondavel como o oceano, e inexgotavel como elle. Vejo, Snr. Dr. Stokfish, que sois um sabio consummado, pois estamos de accordo: a ponta desse véo mysterioso já está levantada ali... (*mostra-lhe os quatro volumes in-folio*).

STOKFISCH.

É a vossa memoria.

BIBLIOTHECA GUANABARENSE.

CONDE.

Ainda não; é a introdução.

STOKFISCH.

Bravissimo, Conde: morte aos madraços, guerra aos manuaes, e viva o folio.

DOUTOR FOSSIL.

Aperte-me esta mão.

CONDE.

E a minha.

MARQUEZ BARATHRE (*olhando para o relógio*).

Minhas Senhoras. Entre o estomago e o cerebro existem grandes sympathias.

DOUTOR GAMIN.

Do finito passa-se ao infinito, e vice-versa.

DOUTOR FOSSIL.

As azas do pensamento só dominam o espaço quando o apetite não baralha as idéas.

DOUTOR HYPOGET.

Ventre vasio, sabio baldio.

VISCONDE DE BIBLETIN.

Quando aos queixos chega a hora, a sciencia vai-se embora.

CONDEÇA.

Sacuntala, agora que Vatel é o principe das sciencias, vai dar as ordens precisas.

SACUNTALA.

Estão dadas. Ah! meu Deos, quem se leubra de comer nutrindo-se de erudição?

CONDEÇA.

A barriga é o polo regulador de todas as harmonias da humanidade.

STOKFISCH.

Mas eu ainda não acabei. Snr. Marquez, estou ás suas ordens.

CONDEÇA.

Minha filha, vai mandar pôr o jantar na mesa a toda a pressa.

SACUNTALA.

Minha mãi, eu quero ouvir as explicações de um duello entre dous sabios: ha de haver, por força, erudição.

CONDEÇA.

Teu pai é que é a causa da tua desobediencia: irei eu, e ajustaremos contas (*Vai-se*).

MARQUEZ BARATHRE.

Disse-lhe que tem trinta dias, e está dito. Quero mandar preparar o plaustro, a lança e o escudo: preciso tambem de trinta dias. Quero um elmo como o de Pharaó, e as minhas armas cobertas de uma tunica listrada de azul e amarello, e levarei no peito aquelle meu riquissimo collar, que foi achado no valle de Molluk-el-Bilah. Quando eu florear o meu elmo, ornado das mais bellas plumas, e os meus dous escudeiros agitarem os dous riquissimos *flabellos*, que hei de mandar fazer; eu lhe direi, Senhor Doutor, quem vale mais, se uma pyramide colossal, em cujo cimo paira o *abutre sagrado*, ou se um calhao onde pousa um ridiculo pardal?

STOKFISCH.

E eu irei comprar as minhas armas em Bicetre, onde ha camisolas, causticos, e outros ornatos dignos de um Orate titular.

MARQUEZ BARATHRE.

Veremos isso.

STOKFISCH.

Senhores, quero concluir. Pelo poderio da intelligencia, todo o universo

vem collocar-se em torno da luzerna do sabio. O Rabino Naldi achou que a lingua Galiby tinha semelhança com o Hebraico: a lingua Carayba é um dialecto da lingua geral do oriente americano; e nesta materia posso fallar de cadeira. Não ha uma letra em Herodoto que eu não conheça, e delle a Diodoro e a Heliodoro não ha uma virgula que me tenha escapado; o meu trabalho contra os rhetoricos, escribas, ou copistas, o prova. Conheço, como as palmas das minhas mãos, Kircker, Savolini e Champolion, e seu continuador Lepsius; estudei como elles, e como o primeiro philologo do mundo, a inscripção Rosettana; os anaglyphos, quer na forma cursiva, ou mesmo tachygrapha, conhecidos como hieraticos; quer ua forma demotica, ou nas suas relações entre esta e a semitica; conheço a litteratura Conchin-chineza, Ethiopica, Japoneza, Abyssinica, Chineza, e Indostanica; o Arabe e seus dialectos me são familiares como o Sclavonico e o Tartaro; tenho no meu gabinete papyros, medalhas e inscripções de todo o mundo: telhas de Ninive, tijolos de Persepolis, stelas egypcias, medalhas carthaginezas, cypos phenicios, lapidas gregas, e sagas incomparaveis: tenho duas bibliothecas immensas: uma na cabeça, onde está descripto o universo conhecido, e a outra no meu gabinete, com perto de quarenta mil volumes.

CONDE.

Quarenta mil volumes?!!!

STOKFISCH.

Metade da immensa fortuna que o Conde Stokfisch, meu illustre pai, me deixou: dei-a toda á sciencia e á minha independencia.

CONDE.

E não se póde ser sabio sem essa independencia.

STOKFISCH.

Li os quipus mexicanos; fui o descobridor do Itinerario dos Toltecas, e tenho, em uma longa memoria a demonstração clara e evidente de que os Americanos occidentaes são Tartaros Mongolos, e que a dynastia de Tsin para lá passou no sexto seculo; tenho a origem, e achei a etymologia dos nomes:—*Huehuetlapalan*, *Aztlan*, *Teocolhuacan*, *Amaquemecan*, *Tehuajo* e *Copalla*, que são os nomes sagrados. Visitei as ruinas dos Zopotecos, em Oaxaca, e os palacios de Mitla; vi as antiguidades do povo de Zachila e Quilapa, de Tlascala, Tehuantepec, Chimitlan, e Ocotzingo; fui eu o primeiro traductor da Biblia mexicana.

TODOS.

Da Biblia mexicana?!

STOKFISCH.

Chamo-lhe assim a esse livro sagrado, que contém aquellas famosas orações, aquelles threnos maravilhosos que elles dirigiam a Tezcatlipuca, onde o bello, o sublime das metaphoras se acha triumphalmente formulado. O padre B. de Sahagun é um impostor; roubou-me a minha gloria. Não ha nada de Egepcio na America.

MARQUEZ BARATHRE.

E o gavião egepcio, e o lituo perfectissimo; o crocodilo, e até os toucados dos deoses e das procissões, como usam os Tecunas? E as pyramides, e as tibias duplas, e as flautas de Pan; e o kalendario, as aljavas, e a transversão do homem cascavel, do kagado homem, do tatú, assim como a forma dos arcos, das pontes, os obeliscos, as construcções cyclopeanas, e o magico soprando fogo?

STOKFISCH.

Tudo isso é mais indostanico do que egepcio: pyramides como as de Babylonia e de Persepolis, idolos sentados como Siva e Ganesa, escudos emplumados, a forma dos dardos, e o character architectonico, tudo, tudo respira a nobre origem que lhe aponto. A Europa em breve julgará de nossas opiniões, e estou certo que depois da minha obra nenhum charlatão audaz se atreverá a contestar tantas descobertas profundas, colhidas a par e passo de longas e perigosas viagens.

CONDE (*á parte*).

Este maldito tudesco me assassina!

STOKFISCH.

Portanto, meus Snrs. não ha nada de egepcio nesta estatua: são ondulações da pedra aquellas garatuges que ali vejo, e que só um lunatico poderia encarar como caracteres rhunicos.

CONDE.

Já houve essa lembrança.

MARQUEZ.

Daqui a trinta dias, em campo raso, ajustaremos nossas contas: é um novo torneio, onde na ponta de nossas lanças se barateará a sciencia como na idade media a belleza das donzellas.

STOKFISCH.

Se exigir a prova do fogo, declaro-lhe que não sou Savonarola.

DOUTOR FOSSIL.

Peço a palavra.

TODOS.

De bom grado: o jantar ainda não vêm.

DOUTOR FOSSIL.

Esta estatua não é mais que uma mumia petrificada. Pelos caracteres externos, e sem a acção de reagentes chimicos, vê-se que esta mumia é antidiluviana; e que é um animal de especie perdida, a que chamarei desde já—Pithechiosauro. Eis mais uma prova de que os macacos são da primeira criação; e isto cá, meus Snrs., de anatomia comparada e classificações, chegou ao apogeo. Os modernos são os luminares da sciencia: Aristoteles e seus discipulos já caducaram, e o mesmo Linneo e Daubenton já andam grelando pelo paraiso das parvoices. Meu bom Conde, quero desenhar este sujeito, embalsamado, ou não, por uma mão primitiva, para enriquecer a minha monographia geologica.

BARÃO.

Com immenso prazer.

DOUTOR FOSSIL.

É um legitimo Pithechiosauro; e está n'uma attitude que exprime perfeitamente o grande cataclysmo: entanguiu-se com o frio e ficou com a expressão de quem morreu tiritando; veio o incendio, e o poz como um leitão de forno; veio o diluvio, complanou os valles com os montes, removeu a terra, e os seculos o petrificaram: é uma obra neptunina e plutonica, que descreve claramente a historia do mundo?... que maravilha!

DOUTOR HYPOGET.

Está-me parecendo um Zemel Carayba ! !

MARQUEZ.

Protesto.

CONDE.

Igualmente.

SACUNTALA.

Mas então o que é esta estatua, meus Snrs.?

MARQUEZ.

Como é graciosa vossa filha!

DOUTOR GAMIN.

É a sylphide brilhante de Paris, esvoaçando sobre perfumes, e embellezando a terra com a melodia de sua voz, e com a graça de seus encantos.

MARQUEZ.

Quero ser o seu mestre de egypcio; quero que ella no dia dos vossos annos vos faça uma legenda sacra nos dous systemas:—ideographico e phonetico.

CONDE.

Acceito, e agradeço.

SACUNTALA.

Oh! que delicia, conhecer a lingua de Berenice, e as vozes que rodearam o berço de Moysés.

SCENA ULTIMA.

CONDEÇA (*entrando*).

Temos tambem a lingua do Boi Apis, e tubaras do Perigord com uma ave que os antigos não conheceram.

CONDE.

A tubara é um fossil do dominio do nosso Dr. subterraneo.

MARQUEZ BARATHRE.

Conde, costume jantar á antiga, e não posso habituar-me ao uso **barbaro** destas cadeiras modernas; sei que não tendes um classico triclinio, mas eu, como não sou de ceremonias, contento-me com um largo divan, e apenas com dous coxins.

SACUNTALA.

Já preveni o seu gosto: tudo achará a seu commodo.

MARQUEZ BARATHRE.

Hei de compor-lhe uma inscripção para a sua stellá funerea, que será obra prima.

CONDEÇA.

É cedo ainda, Snr. Márquez; deixe-a ao menos ter netos:

CONDE.

A prevenção é o primeiro passo da sabedoria:

CONDEÇA.

O jantar está esfriando.

TODOS.

Ás suas ordens, minha Snra.

Depois das competentes cortezias e hesitações, depois de ficarem alguns minutos na porta esperando preferencias, o Marquez passa adiante, rompe as etiquetas, e todos o seguem cantarolando.



ACTO III.

Bellissima sala de jantar, ricamente ornada de aparadores, e de uma baixella exquisita; no meio da mesa estão tres vasos etruscos, pintados ao uso italiano e grego; as paredes estão ornadas de lindissimas pinturas, entre as quaes se distingue uma perfectissima copia do quadro hercolanescos, que representa a educação de Telespho. Por toda a parte reina o gosto e a elegancia franceza. Todos se sentam, excepto o Marquez, que se reclina na extremidade da mesa sobre um fofo divan, apoiando, como os antigos, o braço esquerdo em um riquissimo coxim de tecido damasquino.

SCENA I.

MARQUEZ BARATHRE.

Amigo Conde. Estou perfeitamente; vossa filha é um anjo, é o genio do confortavel, ou a Deusa dos morbidos conchegos. Mil agradecimentos, minha bella Senhora.

SACUNTALA.

Mil vezes obrigada por tanta bondade.

MARQUEZ BARATHRE.

Amigo Conde, eu não uso de garfo: regeito esta invenção italiana, importada para a França em epochas calamitosas: quero agua para lavar as mãos; respeito os usos da sabia antiguidade. Mademoiselle Sacuntala, esta honra, estas prevenções annunciam uma alta intelligencia, auguram a invejavel felicidade do ditoso mortal que tiver a honra, a bemaventurança de possuir a sua mão de esposa.

CONDEÇA (*á parte*).

Não ha nada mais insupportavel do que um velho gaiteiro e adulator: só a mim nada se diz.

CONDE.

O Senhor Marquez é aqui o representante do mundo antigo, e nós os seus admiradores.

MARQUEZ BARATHRE.

Seja trocadilho, ou facêta amphibologia, agradeço: a minha alma se dilata, e se estende sobre os aromas deste jantar primoroso.

BARÃO DE CRYPTIN.

O Senhor Marquez não deve comer carne, porque os Egypcios não a comiam.

MARQUEZ BARATHRE.

Pela mesma razão que não ando trajado como elles, tambem não como o que elles comiam: tenho dentes caninos, sou carnívoro, e devo obedecer ás leis do creador.

CONDEÇA.

Mas então não é um verdadeiro amigo de antiguidade?

MARQUEZ BARATHRE.

As minhas mandíbulas e o meu estomago pódem mais do que a minha alma; e são de um modernissimo insupportavel, minha Senhora. Eu seria um ingrato á minha patria, se não tivesse na minha vida um facto que revelasse a minha nacionalidade: sou francez á mesa, e muito bom francez; sou um dos maiores consumidores de Riche e de Hardy.

CONDEÇA.

Bravissimo! São os mais careiros de Paris.

MARQUEZ BARATHRE.

Mas os mais habeis do mundo.

CONDEÇA.

Pour aller chez Riche il faut être Hardy; et pour aller chez Hardy il faut être Riche.

TODOS.

Bravo o trocadilho; bravissimo, Senhora Condeça.

CONDE.

Está a Senhora no seu elemento. Diga-me, Marquez, os Egypcios faziam trocadilhos?

MARQUEZ.

Ainda não estudei esse ponto.

VISCONDE DE BIBLETIN.

A vida material e intellectual é um fruto odoroso: tem perfumes para os ares e nectar para os labios. Á mesa só conheço a arte culinaria e os sapientissimos resultados da chymica de um *cordon bleu*.

MARQUEZ BARATHRE.

A vossa vacca cheira como um ananaz.

CONDEÇA.

Pois atreve-se a devorar o Deus Apis?

MARQUEZ BARATHRE.

Não devoro, adoro. Adoro todos os deuses egypcios, depois de preparados; gosto de os depositar bem perto do sacrario do coração; e para este sacrario, minha Senhora, que não é de sicomoro, mas de um tecido elastico que se contrahe insensivelmente, algumas gotas de generoso Porto, ou de louro e perfumado Madeira, é um requinte de perfeição. Gosto muito de embalsamar os labios com essas essencias que resurgem á luz, do fundo de uma adega, engarrafadas e encanecidas da poeira dos evos; e as cryptas domesticas ou os columbarios de Baccho, são templos do prazer, são os consumidores dos cuidados. Não é assim, Sr. Stokfisch?

DOUTOR STOKFISCH.

Nesse ponto vamos admiravelmente de accordo; estarei sempre a seu lado, ser-lhe-hei um vivo amen!

DOUTOR FOSSIL.

Sou entusiasta dos productos plutonicos em meia combustão: e esta ave peruana enfartada de tubaras, está-me fazendo coegas no appetite: tenho o estomago como um novo poço artesiano, que tressua pelas glandulas do paladar a lymphá da gula; a nau gastronomica velleja para aquelle pólo, para aquella estrella alada e implume com galerno empenho; sinto nas fossas nasaes diluir-se o paraíso; o olfato tem um magico poderio sobre a minha alma, e o cheiro das iguarias sobre todo o meu ser palpavel.

BARÃO DE CRYPTIN.

Diante de uma phenix desta especie renascem as muletas da vida, e ca-

hem os sonhos especulativos. Quando faço do guardanapo o meu livro, Epicuro é o Deus dos philosophos.

CONDEÇA.

Prove deste lombo de veado, e veja como está preparado, Snr. Stokfisch.

STOKFISCH.

Minha Senhora, eu já vou a seus pés; e lhe prometto que de tudo hei de provar copiosamente: o seu *Cordon bleu* e a sua adega, crearão um novo Eden para mim: estas são as verdadeiras arvores da vida: antes eu quizera cem batalhas com estes animaes, antes ouvir o estouro destas garrafas, do que achar-me face a face com o Snr. Marquez, vestido á Pharaó: estas pyramides odoras são mais gratas á nossa curta vida do que as pedras seculares do deserto. Snr. Marquez, á sua saude, e ao nosso duello, que ha de dar que fallar nos jornaes.

MARQUEZ BARATHRE.

E esse é o meu fim. Quero conciliar a honra com a gloria, as idéas com o triumpho.

CONDEÇA.

Não vão os Snrs. ministrar alguma graciosa comedia aos nossos compositores, que vivem como Argos a espreitarem uma novidade.

STOKFISCH.

Eu no meio do theatro, e servindo de bobo a uma platéa de ociosos?

MARQUEZ.

Eu reduzido a buffo, e a prestar-me á inconsideração do Egypto. Não quero mais duello.

STOKFISCH.

Pois então vamos á pistola, que é mais breve.

CONDEÇA.

Snr. Stokfisch!

MARQUEZ BARATHRE.

Já lhe disse que não combato com armas barbaras. Não quero.

STOKFISCH, *(bebendo um copasio de Madeira)*.

Seja ao canhão, seja á catapulta, ou ao socco, quero bater-me.

CONDEÇA.

Snr. Stokfisch....

CONDE.

Não vê, meu nobre sabio, que o Snr. Marquez declina do seu projecto?

STOKFISCH.

Hei de bater-me por força; tenho sêde de sangue *(baixo)* de Christo; *(bebe outro copasio)*, e um de nós ha de ficar mutilado; e não percamos tempo. *(Pega no trinchante, alça-se e investe para a parte do Marquez; alçam-se todos assustados com ver luzir o ferro na mão do sabio, e cahem ás gargalhadas, vendo Stokfisch cahir a talhos sobre o perú, e a fazer jocosas caramunhas)*.

CONDEÇA.

O escarcéo rebentou em flores.

SACUNTALA.

Oh! Como os sabios são engraçados.

CONDE.

Estão feitas as pazes.

MARQUEZ.

Viva o Doutor Stokfisch.

TODOS.

Viva o grande sabio.

STOKFISCH, *(bebendo)*.

Obrigado, meus Senhores.

CONDEÇA.

Estão feitas as pazes. Snr. Dr. Gamin, tenha a bondade de nos improvisar alguma cousa sobre este aprazível desfecho.

DOUTOR GAMIN.

A musa romantica não se compadece com taes assumptos.

SACUNTALA.

Pois a reconciliação de dous sabios não dá motivo para uma epopéa?

CONDE.

Para mil epopéas.

DOUTOR GAMIN.

É preciso que o poema esteja em harmonia com os heroes do seu arca-bouço dramático, ou mysterioso.

STOKFISCH.

Em poesia, sou romantico até os ossos: a ode que fiz ao cadaver de meu pai, fez furor em toda a minha cidade natal; foi posta em musica, e ainda se canta em todos os saraus de bom tom.

CONDE.

Então é cousa alegre, pelo que vejo.

STOKFISCH.

É terrivel; mas isto se usa na minha terra...

CONDEÇA.

Onde, segundo disse um austriaco, com a mesma cara com que se vai a um baile, vai-se a um enterro, ou ao supplicio.

STOKFISCH.

Não é tanto como se diz: querem ouvil-a?

CONDE.

Não temos agora precisão de fortes emoções.

STOKFISCH.

Nada; é graciosa e sublime no seu genero: o autor da musica, o celebre Rauchmarr, fez-lhe o mais bello acompanhamento possível: dous instrumentos, que symbolisam a vida de meu pai; o tambor, e o piano. Começa a introdução com tres rufos de tambor, e com outros tres se acompanha o primeiro verso. Ouçam lá. (*Bebe um copasio*).

CONDEÇA.

Seria melhor para depois de jantar, para depois do café, que, segundo as theorias homeopathicas, é excellente para combater a tristeza.

SACUNTALA.

Agora mesmo, minha mãe, agora mesmo: estou pulando de anciedade: como não será sublime o romantismo de um genio.....

CONDEÇA.

..... Humanado na forma de um bacalháo.

CONDE.

Vamos, vamos, meu Doutor, que estamos anciosos.

MARQUÊZ BARATHRE.

Vamos, que tambem me sinto inspirado; e quero, já que não tenho um sistro, acompanhar um psalmo egypcio com o tinir dos copos e dos talheres.

SACUNTALA.

Oh ! dia afortunado: dous sabios em liça poetica!

STOKFISCH.

{Levanta-se com muita gravidade, rola os olhos por toda a mesa, bebe um copo de Madeira, concerta a garganta, estende os beiços, e dá tres rufos de tambor, accionando admiravelmente).

« Morte, raio, carrasco,
 « Oh mundo, não saborêas;
 « Sublime como as arêas
 « Que o mar lança sobre o casco
 « Do batel,
 « E que o pincel
 « Do divino Raphael
 « Em curvo sarapanel
 « Poderia n'um painel
 « Com a espada de Azael,
 « Ou c'o prego de Jahel,

« Exceder ás que o papel,
 « (Metrico sarapatel)
 « Mais doces, fluentes, que um vaso de mel
 « Narrando vão vislumbre de ouropel.
 « Da guilhotina o ferro,
 « Espelho da eternidade,
 « Me reflecte f'licidade,
 « Me estronda n'alma um berro,
 « Não de canhão, ou fuzil,
 « Mas sublime, e tão subtil
 « Como em puro céo de anil
 « Estrellas a mil e mil
 « N'um diluculo gentil,
 « Que em vago bruxoleio, e em penumbras.

SACUNTALA.

Que sublime desordem tem a ordem dos genios superiores !

CONDEÇA.

Está transcendente: mas inda não vimos o cadaver de seu pai.

STOKFISCH.

Nem o hão de ver nunca, senão debaixo, ou através do véo semi-empanador de graciosas methaphoras. Esta composição causou um furor satânico: desceu dos salões ás salas, das salas ás tascas, e das tascas se derramou pelo povo, de maneira que é hoje tão commum, que passou a proverbial.

CONDE.

O seu genero singular dá-lhe todos os direitos para adquirir fóros pro-
 verbiaes.

CONDEÇA.

E é só isso, Snr. Doutor Stokfish? É tão pouco.

STOKFISCH.

Não, Senhora. Um poeta da minha imaginação é como o Vesuvio: quando se inflamma não fica assim á toa. Attenção: o tambor vai-se abrandando, e o piano vai tomando um progressivo *crescendo*, e de vez em quando fuzilando

um *tremolo* suave, como o da folhagem do platano da Grecia, ao ciciar da aragem matutina. Não ha luar :

- « No pallido resquicio da minha alma,
- « Tristonho columbario da esperanza,
- « Frisa um cometa a luminosa palma,
- « E amor, amor celeste, que não cança,
- « Em doce pranto, somnolenta calma,
- « Diffunde no meu ser grata mudança.
- « Mar profundo ergue cachões,
- « Que rolam, quaes ferreos toros,
- « Nos abysmos da incerteza,
- « Que hoje chora a natureza.

Aqui choravam todos; e noto que os Senhores estão a rir-se! Não continuo: a sensibilidade franceza está por se aperfeiçoar ainda (*bebe um copasio*).

CONDEÇA.

Estamos gostando muito; não esperavamos tanto!

MARQUEZ BARATHRE.

Excedeu a nossa expectativa.

TODOS.

Continue, continue.

SACUNTALA.

Estará elle nas arestas longinquas do sublime, e quasi a precipitar-se?! Oh! não: um sabio não póde delirar.

STOKFISCH.

Os meus versos, para serem devidamente apreciados, é necessario que sejam encarados pela philosophia de Fischt: o mesmo Kant, ou Spinosa não poderia com elles.

CONDEÇA.

Não esbange tempo tão precioso, e não arrefeça o nosso enthusiasmo (*para a filha*). Os versos cheiram a Madeira.

STOKFISCH, (*depois de beber*).

« É noite para a vida: a dôr só brilha
 « Em astros crystallinos nos meus olhos.
 « De phosphoricas larvas, embuçadas
 « No blende manto dos mysterios d'alma,
 « Circumvoa o tropel entre cadaveres,
 « Ruflando as azas furta-cores de
 « Nebulosos anhelos: reina a noite,
 « A noite reina ainda: paz aos mortos:
 « És tu, és tu, és tu?!!!
 « Como gelo polar a dextra ovante
 « Immovel jaz na terra, desdenhando
 « A espada e o teclado; sim a espada
 « E o teclado! Calhiste das alturas,
 « Como a rocha que rola, bate e tomba!

CONDE.

Este verso é admiravel; bravissimo, Snr. Doutor. Ouvimos todos o rumor da pedra.

STOKFISCH.

Eu os levarei á voragem das emoções, ao turbilhão do enthusiasmo: bem sei que nasci poeta, e que poeta! !

SACUNTALA.

Acho-me n'um mundo estranho, minha mãe; não sei se o que sinto é admiração.

CONDEÇA.

Sim: um gaz espirituoso se dilata na atmospherá.

STOKFISCH, (*prova o Madeira*).

« O helio psalmear, o saxeio threno
 « Do ermado Memnon na estiva aurora,
 « Não brilha nos teus labios, nem a nenia
 « Que a pedra resumbrava sobre os plainos
 « Prateados da lua, que adargada
 « Pelas baças caligens do deserto,

« As nuvens lacerava, fugitivas
 « Ao sopro do simun ! Pranto funereo,
 « Risos de cataclysmas no ar serpeiam,
 « Quaes tições que o alarve nos sepulchros
 « Famelico soprando espreita as mumias,
 « Que velam no silencio. Onde estás tu,
 « Oh corpo emmudecido, onde estou eu ?
 « Gehenna, ou Paraiso, inferno, ou céu ?!
 « No paramo da morte a trompa soa
 « Triumphante, e o homem cahe por terra.

Agora segue-se o allegro, com tambor sómente :

« Com sonhos insontes,
 « Por valles, por montes,
 « Pelos horisontes,
 « Sem naves, sem pontes,
 « Vencendo mil brontes,
 « Apar dos Ethontes,
 « Que fendem co'as fronte
 « O ares, e as fontes,
 « Oh ! não, não me contes,
 « Ah ! não, não me apontes
 « A luz
 « Que seduz,
 « E reluz
 « E conduz
 « Com tanta magia,
 « Com tanta alegria,
 « A bella Sophia,
 « E n'alma esfusia
 « Sibilo, que guia
 « Pela penedia
 « De noite e de dia
 « Pranteia, oh Maria,
 « Dizia,
 « Não ria,
 « Na pia
 « Da fonte que hia,
 « Corria
 « Á irmã da Luzia,

« E á Melania,
 « Tão bella, tão fria,
 « Que d'ella bebia
 « Baldia,
 « Vasia,
 « Da melancolia;

O resto é um segredo da minha alma. Todos os poetas tentaram em vão rematar esta composição; e até o duque de Schafnstkimenrrps prometeu um premio a quem os completasse: fui o Virgilio da minha terra. Creio que acabo optimamente: apparece a fuga metrica; abrem-se os diques de riquissimos consoantes; voa a musa, como o corcel de Mazeppa, e de repente pára; antolha-se um segredo, e a imaginação dos ouvintes fica rolando no espaço, como um écho mysterioso, intenso, igual ás profundidades do cháos.

DOUTOR GAMIN.

Mein-Herr Stokfisch, brilhou, brilhou.

CONDEÇA.

O Snr. Doutor Stokfisch é um antidoto para a melancolia.

STOKFISCH, (*bebendo um copasio*).

E no entanto, não ha homem mais melancolico do que eu.

SACUNTALA.

Agora, Snr. Marquez, esperamos da sua musa.

MARQUEZ BARATHRE.

Os Egypcios tinham tres qualidades de canto: o obeliscal, o pyramidal, e o pilonico.

CONDEÇA.

Desejo a poesia pyramidal.

CONDE.

Porque acaba em ponta.

?

STOKFISCH.

Quero a obeliscal.

DOUTOR GAMIN.

Desejo a pilonica, para saber o que é.

MARQUEZ BARATHRE.

Pois um poeta, que imprime obras, não conhece o estylo pilonico, os versos do náos, do pronáos? Ah. ah. ah. ah.

Eis o fructo da litteratura fanqueira, eis o modernismo! As Senhoras tem preferencia na escolha. Lá vai.

I	!
O	O
SOL	MAI
ALMA	ISIS
MINHA	HORUS
SAGRADA	OSIRIS
PRINCIPIO	GRANDES
MODERADOR	SPIRITOS
INTELLIGENCIA	CREADORES
DA MINHA ALMA	LIBERTAI-ME
DELICIA DE PHRE.	DO ATRO DO TYPHON.
NINGUEM LEVANTA O VÉO QUE ME ENCOBRE	
SOU TUDO O QUE FOI O QUE É O QUE HADE SER.	

Isto lido nos proprios caracteres é de uma belleza de estylo inimitavel: no mundo actual só eu sou capaz de compor estes versos, porque só eu me tenho identificado com o Egypto a este ponto. Que bella cousa: começa por um ponto de admiração! o vate já está em extasis, e segue tomando a fôrma e a força monumental, como essas massas eternas que tem feito a admiração dos povos. Agora, Conde, deveis pagar o vosso tributo, queremos uma nota de vossas harmonias.

CONDE.

A minha lyra quebrou-se; e a minha musa passou para as margens do Orelhana: está em vestes de Amazona, só canta ao som do maracá, e vós me dispensareis de chocalhos, porque o guiso é pouco poético á mesa.

MARQUEZ BARATHRE.

Não imita elle o sistro da antiguidade, e ha cousa mais poetica do que o sistro! Rossini e Auber não tem tirado um partido tão bello do triangulo em Guilherme Tell, no Deos, e a Balhadeira?

SACUNTALA.

Meu pai, recite aquella sua traducção de uma poesia chinesa, ou aquelle novo psalmo que lhe deu o Rabino.

VISCONDE DE BIBLETIN.

Prefiro o psalmo : quero ver se o conheço.

STOKFISCH.

Quero o chim, porque delle entendo alguma cousa.

CONDEÇA.

Vamos para o jardim : aqui não temos *tantam*, nem harpa : supra o tinir das taças esses instrumentos asiaticos.

CONDE.

Pois vamos. E tu, minha filha, recitarás uma das duas poesias.

SACUNTALA.

Meu pai, eu não sou digna de tanta honra.

CONDEÇA.

Esta rapariga necessita casar com um corretor, ou um banqueiro, que á força de arithmetica lhe tire estas fumaças.

CONDE.

São emanações celestes, minha Senhora.

CONDEÇA.

Cá os espero (*levanta-se, e todos se levantam*).

SCENA II.

Jardim á ingleza, ornado de bancos rusticos, e de antiguidades modernas, representando ruinas gothicas, asiaticas e gregas. N'um capitel corinthio está uma bandeja de prata com taças de porcelana; os convidados preferem sentar-se no fuste de uma columna que está por terra; a Condeça e Sacuntala tomam os bancos rusticos. Dous elegantes criados servem delicioso café.

VISCONDE DE BIBLETIN.

Quando se trata de hebraico, fico preso como um namorado ao pé da sua beldade : é a lingua das harmonias.

DOUTOR FOSSIL.

Quiz aprendel-a, e parecia-me ter ranço na goela, depois de pronunciar algumas palavras.

VISCONDE DE BIBLETIN.

É porque o Senhor não tem a bossa das linguas.

CONDE.

E o hespanhol, o arabe, tem ranço?

STOKFISCH.

Eu conheci um moço, que não foi capaz de pronunciar a palavra—sapateiro, em allemão, no fim de tres annos de exercicio, e da vontade de ferro de Herr Streichman. Meu bom Conde, recite-me a poesia chinesa, mas em chim puro, que é como saboreio as cousas.

DOUTOR GAMIN.

Isso não tem graça.

VISCONDE DE BIBLETIN.

Se entendesse o hebraico, ficava pasmado.

CONDE.

Recitarei, mas consentirão que a menina cante este lindissimo romance em francez, mas com a genuina musica de Tseu-hiong-thei, que é o Rossini do celeste imperio.

« *Lù li hhoang y tè ku chu*
 « *iao ini siú cha iao thao hhoá*
 « *i tienc chine hhoene pù hiene hhoá*
 « *ki toane giú hhoene pù soane ki*
 « *neune ssè pè thèu ine iú ki*
 « *hhoa moé tchuang hia a khi von szeu*
 « *ju ho pu t'ai tehune tsane szeu*
 « *iè iè tchi tzeu thon chü.*

STOKFISCH.

Bravo, bravissimo; depois d'isto não quero ouvir mais nada: que cousa admiravel! O meu chapéo?

CONDE.

Não, Senhor. Ouça a traducção.

STOKFISCH.

Isto é intraduzível.

CONDE.

E a musica chinesa ?

STOKFISCH.

Ah! sim ; ficarei por ella.

CONDEÇA.

O Snr. Doutor é muito amavel.

STOKFISCH.

Mil vezes obrigado.

CONDE.

Aqui está a harpa : canta menina.

SACUNTALA. (*Depois de concertar uma graciosa attitude, e de percorrer os dedos na harpa com magestosos preludios, canta o seguinte*):

- « Apenas se alegra a florida estação,
- « O salso tristonho sorrir-se de amor ;
- « Adorna seu tronco, da côr do topazio,
- « Do manto vernal, que é d'almo verdor.

- « Pejado e afflicto o pomo da Persia
- « De tanta belleza, do mago esplendor,
- « Irado se despe das flores odoras,
- « As lança por terra, se cobre de horror.

- « O brilho irisante das côres do céu
- « Se empana, desmaia, ao pé do fulgor
- « Do nuncio formoso da quadra gentil,
- « Que á fonte que o beija perfuma de olor.

- « Seu tronco e mimosas vergontes se vestem
- « De um niveo frouxel, de tanto valor,
- « Que o verme da seda não póde tecer
- « Nem mesmo nas plagas de Meliapor.

TODOS.

Bravissimo, bravissimo. Que bellissima voz, que expressão, e que estylo admiravel. Não parece musica chinesa !

CONDE.

Pois é: trouxe-me o missionario Ediffiant, ultimamente chegado da China.

SCENA III.

Entra um Criado com uma carta, e uma brochura.

CRIADO.

Um moço brasileiro, que me parece um estudante, me entregou esta carta e este folheto para meu amo: não quiz dizer o seu nome, e partio precipitadamente.

CONDE.

É bem para mim a carta, assim como o folheto; está o meu nome escripto exactamente, assim como o meu endereço.

CONDEÇA (*para a filha*).

Queres vêr que temos um desengano.

SACUNTALA.

Ha de ser antes algum elogio.

CONDE.

Sinto não saber esta lingua, para lèr o que está aqui: será sem duvida alguma sobre a estatua; mas apezar de tudo estou tremendo.

MARQUEZ BARATHRE.

Tremendo de que? Pois elles lá sabem o que tem, e o que perderam; pois elles tem lá algum homem que valha alguma cousa?

DOUTOR GAMIN.

Mas póde ser que tenham.

STOKFISCH.

Tenham, ou não tenham, deixemos isso. Vamos a lêr esse folheto.

CONDE.

Pois o Senhor conhece esta lingua.

STOKFISCH.

E qual é a lingua que ignoro?

CONDE.

É feliz. Aqui tem o folheto.

CONDEÇA.

Leia primeiro a carta do incognito.

STOKFISCH, (*lendo o folheto*).

Revista Trimensal de Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundado no Rio de Janeiro sob os auspicios....

CONDE.

Bem, vejamos a carta. Talvez tenham feito algumas escavações, e que este folheto me venha servir de um optimo auxiliar á minha memoria.

VISCONDE DE BIBLETIN.

É o que ha de ser.

DOUTOR FOSSIL.

Se o Brasil faz escavações, é um paiz civilisado.

CONDE.

Vejamos a carta.

Senhor Conde. Sei que sois um homem estimavel e estudioso, e que
 « vos occupaes neste momento com uma intitulado estatua que veiu da
 « minha terra como obra antiquissima e do tempo das Amazonas.... »

Meus amigos, estou salvo, renasci neste momento : vamos a ver o resto.

CONDEÇA.

Queira Deus. que o resto do vaso não contenha veneno.

CONDE.

Senhora, calle-se (lê). « . . . sei mais que preparais uma obra sobre este
« artefacto, que desejo muito não saia á luz da imprensa. . . . »

DOUTOR GAMIN.

Isto é cousa que se parece com ciume.

MARQUEZ BARATHRE.

Estão envergonhados da sua cegueira. Continue, Conde.

CONDE.

« . . . mórmente depois que recebi o numero 9 do 3.º tomo da *Revista do*
« *Instituto do Brasil*, e que ahí deparei, á pagina 96, com o seguinte, que
« é escripto por um coronel Baena, autor de muitas obras, e habitante
« do Pará, e pessoa muito versada no que ha no paiz, e de um testemunho
« irrecusavel. »

CONDE.

Marquez, leia o resto desta carta, que me acho não sei como : estou um
tanto assustado.

MARQUEZ BARATHRE.

Lerei, que sou de um sangue frio imperturbavel.

« Rogo-vos o obsequio de lêr, ou mandar lêr, o que se diz acerca do Rio
« de Pedro II., e da navegação do Araguaia, de que o vosso compatriota
« tanto alardeia ; assim como de pensar sériamente sobre este trecho, unico
« que traduzo, por pertencer á Estatua, e mui de perto ao seu com-
« mentador.

CONDE.

Nada tenho com os rios : vamos ao caso.

MARQUEZ BARATHRE.

Vamos ao resto, que é longo.

SACUNTALA.

Tremo de susto, estou quasi desmaiando.

CONDEÇA.

De que?! Se é um desengano, melhor para nós e para teu pai: pôde aproveitar utilmente o seu tempo.

MARQUEZ BARATHRE (*lendo*).

« É sem duvida que os sabios banham e inundam de luz uma
 « nação: porém é preciso que a esses sabios visitando terras exóticas não
 « lhes aconteça no alcance da verdade tomar como Ixião pela requestada
 « Deusa o seu vulto formado pela nuvem, segundo me parece haver acontecido
 « ao Snr. Castelnau, o qual achando na barra do Rio Negro do Pará,
 « á porta da irmã do fallecido Joaquim Anvers da Costa Côrte Real, uma
 « pequena e bronca estatua de pedra quasi parecida a um macaco, que alli
 « servia de poial, a julgou uma feitura gentilica, e tratou de a levar para
 « França, onde servisse de grangear-lhe a reputação de curioso e fino pes-
 « quisador. Mas se neste caso tanta aceleração não tivesse havido, elle
 « saberia que o tosco artefacto, que tanto o surpreendera como producção
 « de mãos selvaticas, era obra de Antonio Jacintho de Almeida, um dos
 « pedreiros empregados na collocação dos marcos das ultimas demarcações,
 « o qual achando-sena villa de Ega com os astrónomos e geographos vindos
 « do rio Japurá por causa de uma epidemia de molestias, se lembrou de
 « divertir-se em moldar na dita figura uma pedra que alli achou, e donde
 « o dito Anvers no anno de 1794 trouxe para o lugar da barra do Rio Negro
 « esse trabalho sem arte, á vista do qual seguramente o mencionado pe-
 « dreiro não experimentou agrado similhante ao do escultor Pygmalião
 « com a sua estatua de Venus.

« Se a sobredita figura mereceu tanto ao Snr Castelnau em seu conceito,
 « que diria elle se attentasse no monte de pedras como arranjadas por arte,
 « chamado Torre de Babel pelos antigos sertanejos, que jaz no meio de
 « uma das campinas que tem a provincia de Goyaz, entre o córrego de
 « Jaraguá e o lugar do Fundão? Ou se visse na estrada da cidade de Goyaz
 « para o arraial de Matto Grosso a perspectiva variada que offerecem umas
 « pedras junto ao monte do Caracol, as quaes entre as figuras singulares
 « que representam mostram a de uma cara humana por terem certos buracos
 « ou furos abertos pela natureza? Quanto melhor seria que este naturalista
 « observasse tantas obras naturaes dignas de se vêr na provincia de
 « Goyaz, e nos obsequiasse com uma descripção especificada, e mais verídica
 « do que a que fez no Resumo Geographico da Peninsula Iberica Bory
 « de Saint-Vicent, seu compatriota e de tão grande nome em França! »

CONDEÇA.

E então, Senhor Conde, o que lhe dizia eu? (*grande silencio*).

CONDE.

Perdi o meu sangue, o meu tempo, e a minha gloria! Quem me abrirá agora as portas do Instituto?

DOUTOR FOSSIL.

E eu acabo de perder o meu Pythechiosauro! que fatalidade, vêr abysmar-se uma conquista tão bella.

CONDE.

E quem me salvará? Já annunciei a minha obra, já mandei para toda a parte noticias; já fiz a escriptura com o livreiro.... e agora?... Meus amigos, salvem-me pelo amor de Deus.

MARQUEZ BARATHRE.

Isto é apocrypho, isto é uma caçoada.

CONDEÇA.

Antes fosse.

CONDE.

Antes fosse.

SACUNTALA.

Antes fosse.

MARQUEZ BARATHRE.

Senhor Doutor Stokfisch, meus Senhores, não acham que isto é apocrypho?

STOKFISCH.

É uma triste realidade; é um periodico sério.

CONDE.

Meus quatro volumes in folio, o que farei delles?

MARQUEZ BARATHRE.

Esperem.... uma idéa luminosa! Conde, estás salvo. Venha o marrasquino, ou o vermute do Piemonte, e vamos a gozar da vida. Só em particular, e muito secretamente, vos posso communicar as minhas idéas.

STOKFISCH.

Conde, adeus, que vou já escrever para a Allemanha, afim de avisar o meu amigo do acontecido.

CONDE.

Optimamente. Coitado ! custa-lhe caro o mono.

STOKFISCH.

E eu que ainda não estou pago das despesas ?

DOUTOR FOSSIL.

Espere que pague, e deixe-o escrever a obra.

STOKFISCH.

Isso não, que é um meu compatriota e amigo ; apesar que elle me mandasse dizer, que já tinha a introdução da sua obra prompta, não quero que prosiga : sou seu amigo.

CONDE.

Antes de vêr a estatua ?

STOKFISCH.

Exactamente. Meus Senhores, até outro dia. (*Vai-se*).

DOUTOR GAMIN.

Ás suas ordens.

MARQUEZ BARATHRE.

Pódem ficar todos. Eu não queria que o magro tudesco ouvisse os meus conselhos : somos de cá, e devemos dar a mão uns aos outros : é segredo do officio o que vou communicar.

CONDE.

Tira-me desta anciedade, que estou afflicto.

MARQUEZ BARATHRE.

Calma, e mais calma : é preceito dos Egypcios. Conde, todos nós claudicamos redondamente, e é preciso não esmorecer em taes casos : para tudo ha remedio, menos para a morte.

CONDEÇA.

E que remedio? Foi tempo perdido.

MARQUEZ BARATHRE.

Não é assim, minha Senhora: todas as artes e officios tem seus segredos, tem seus remedios heroicos em casos perigosos: o Conde está salvo e mais que salvo, assim como o nosso joven viajante, que nos hade mandar um doce.

CONDE.

Mas elle já publicou a estatua na Illustração, e já fez della uma exhibição publica no laranjal das Tuilleries?

MARQUEZ.

Fizesse mil publicações e mil exposições: o remedio é heroico, e nem o diabo lhe póde torcer as virtudes.

SACUNTALA.

Pois conclua, Snr. Marquez, que estou soffrendo por meu pai.

CONDEÇA.

Acabe, que estou impaciente: pois não sou Egypcia.

MARQUEZ BARATHRE.

Calma, e mais calma; lá vai. É preciso hoje mesmo quebrar esta estatua, e procurar por todos os meios e modos fazer outro tanto ao original; feito isto, o que se conseguirá facilmente do viajante, podeis publicar a salvo a nossa memoria com outro desenho inteiramente differente.

CONDE.

E o da Illustração que corre o mundo?

MARQUEZ BARATHRE.

Mande desenhar por artista de nome a sua nova estatua; publique a sua memoria, e mande bugiar esses jornaes de pinturinhas e mentirinhas, que não tem o credito dos volumes in-folio, e que não vão para as bibliothecas dos sabios, por não gozarem dos fóros do gabinete: isto é conselho de amigo. A estatua vivirá na vossa obra, vivirá eternamente, e peguem-lhe com um

trapo quente. Ainda mais: supponho que se divulgue o caso, pois isso mesmo é motivo para que vos admirem os espertos e os toleirões: para uns sereis um homem de recursos, e para os outros o que serieis se a estatua fosse veridica.

CONDE.

Pelo que vejo, nas vossas obras.

MARQUEZ BARATHRE.

Este conselho não é tirado das minhas obras.

CONDEÇA.

Temos um nova scena do Antiquario de Goldoni, mas sem o mendigo do de Walter Scoot: quem será o Brighella, Snr. Marquez?

MARQUEZ BARATHRE.

Não é o melhor amigo do Snr. Conde, minha senhora.

DOUTOR FOSSIL.

Protesto contra a profanação: as sciencias não pódem perder este sugeito anti-diluviano, se o mudam de forma: o conselho agrada-me muito.

MARQUEZ BARATHRE.

Não se comprehende o geologo, que nos descreve o que vai lá por baixo da terra, que pisamos; lá bem no fundo, e por onde ninguem passa?

CONDEÇA.

O conselho é salutar: vamos quebrar a estatua.

CONDE.

Espere um pouco, não seja tão avida de triumphos. O que mais me incommóda é o tal coronel Baena.

MARQUEZ BARATHRE.

Já vejo que sois timido como uma donzella, ou como uma creança que mal falla. Haja mil Baenas no mundo, que os não temo em nada.

VISCQÑDE BIBLETIN.

Como não temer um escriptor, um homem do lugar?!

MARQUEZ BARATHRE.

Diga-se que é um nome apocrypho; e se quizerem, eu me obrigo a sustentar que tal homem nunca existio, e até proval-o com documentos. O que se escreve aqui, corre o mundo inteiro, mentira, ou verdade; e o que se escreve por lá, tarde e mui tarde se saberá: já estarás na eternidade quando isto se souber bem claramente; e que importa a um defunto o máu resultado de uma polemica: a caveira não tem sangue, nem carnes para enrubecer: quem quer ter nome depois de morto não se importa que elle seja de Cacco, ou Cicero.

CONDE.

Que vergonha para mim, que já escrevi quatro volumes.

MARQUEZ BARATHRE.

Escreva mais cincoenta, e deixe o mundo, que tem boa guela para engolir as do passado, as do presente, e as de todo o futuro: a verdade, a verdade virgem, vai no estomago dos mortos para baixo da terra: olhe para a historia, e pense nisto. O nosso viajante ha de concordar comnosco no aniquilamentõ da estatua, porque não lhe cabe pequena parte do ridiculo nesta farça, que daria uma boa comedia se um tachygrapho a apanhasse.

SACUNTALA.

E pur si muove, agora mesmo escreve elle alli, sem ser visto. Mas eu a guardarei, e mui secretamente; guardarei esta comedia, e procurarei de ora em diante imitar o são juizo de minha mãi.

CONDE.

Vamos destruir para edificar. (*Vão-se todos*).

SCENA FINAL.

Gabinete do 1.º acto.

CONDE.

Eis o simulacro das minhas illusões.

CONDEGA.

Realisaram-se os meus presentimentos.

SACUNTALA.

Que tremendo desengano.

MARQUEZ.

Cáia por terra a imagem da impostura.

CONDE, (*dá-lhe uma furiosa martellada no nariz, e mais duas no corpo, e quebra a estatua*).

Consummatum est.

TODOS.

Consummatum est. (*Grandes gargalhadas*).

MARQUEZ BARATHRE.

Não se riam, que isto póde custar mui caro, e produzir mui ridiculas scenas, de que seremos victimas. Estamos em grande perigo ainda, e só um juramento de silencio eterno nos póde salvar : juremos todos.

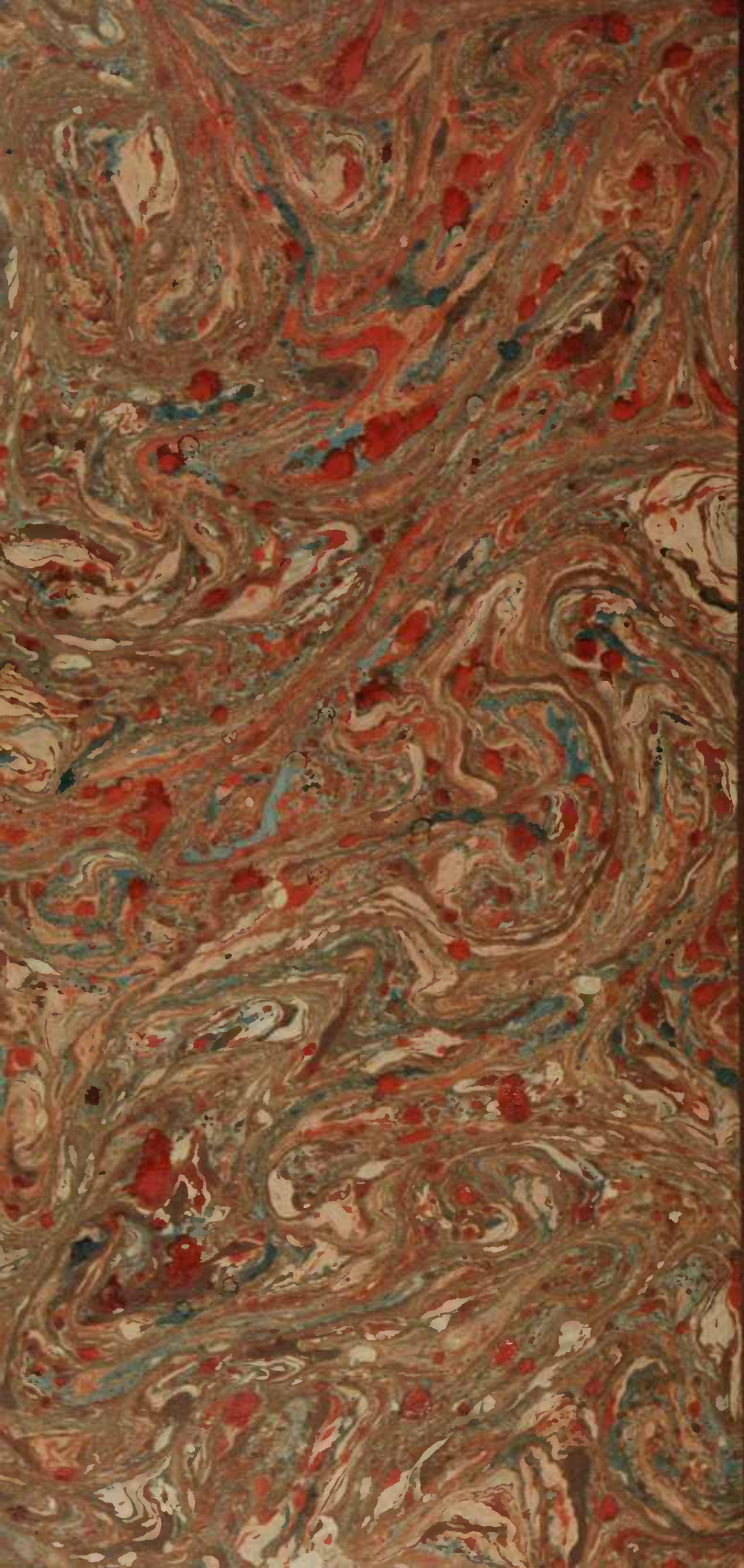
CONDE.

Juremos todos—silencio eterno.

TODOS

Silencio eterno, silencio sepulchral.

FIM DA COMEDIA.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).